

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

JOYCE KATHLE PEREIRA ROSA

**SUBJETIVIDADE E REDES SOCIAIS:
UM ESTUDO DA MARCA TÔ DE CACHO**

Goiânia
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome completo do autor: Joyce Kathle Pereira Rosa

Título do trabalho: Subjetividade e redes sociais: um estudo da marca Tô de Cacho

2. Informações de acesso ao documento:

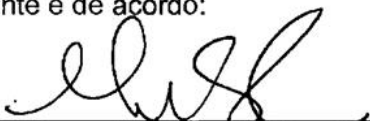
Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.



Joyce Rosa

Ciente e de acordo:



Mayllon Oliveira

Data: 17 / 12 / 18

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

JOYCE KATHLE PEREIRA ROSA

**SUBJETIVIDADE E REDES SOCIAIS:
UM ESTUDO DA MARCA TÔ DE CACHO**

Monografia apresentada ao Curso de Relações Públicas da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção de título de bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Ms. Mayllon Oliveira

Goiânia
2018

Rosa, Joyce
Subjetividade e redes sociais [manuscrito] : Um estudo da marca
Tô de Cacho / Joyce Rosa. - 2018.
xci, 91 f.: il.

Orientador: Prof. Ms. Mayllon Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação
(FIC), Relações Públicas, Goiânia, 2018.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Biopoder. 2. Subjetividade. 3. Cabelo. 4. Etnia. 5.
Redes sociais. I. Oliveira, Mayllon, orient. II. Título.

CDU 007

JOYCE KATHLE PEREIRA ROSA

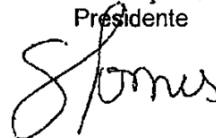
**SUBJETIVIDADE E REDES SOCIAIS:
UM ESTUDO DA MARCA TÔ DE CACHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção de Grau de Bacharel em Relações Públicas à Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, sob a orientação do professor Ms. Mayllon Oliveira.

Aprovado em 04 / 12 / 2018



Prof. M.e Mayllon Oliveira
Faculdade de Informação e Comunicação/Universidade Federal de Goiás
Presidente



Prof.ª Dra. Suely Gomes
Faculdade de Informação e Comunicação/Universidade Federal de Goiás
Avaliadora

**Agora, pois, permanecem a fé, a
esperança e o amor, estes três, mas o
Maior destes é o amor.
1 Coríntios 13:13**

Agradecimentos

O primeiro lugar não poderia, jamais, ser de outra pessoa. O meu melhor amigo, melhor presença, pessoa que mais amo e por quem sou apaixonada. Não se trata de uma religião, de rituais e normas. Se trata de relacionamento com uma pessoa que é três em um: Pai, Filho e Espírito. Não me incomodo de ser tachada de louca e/ou estranha. A minha fé é, talvez, a coisa mais profunda em mim.

A minha família, palavra que desperta em mim memórias que ultrapassam todo e qualquer laço de sangue. Memórias, estas, de muita gratidão, alegria, aconchego, conselhos, carinho, afeto e – sobretudo – amor, no sentido mais profundo e verdadeiro.

Eu não seria capaz de expressar a minha gratidão por cada um que marcou, não só a época de faculdade, mas a minha vida toda. E se, ao citar nomes, eu deixar alguns de fora pela impossibilidade de colocar em páginas de papel todos aqueles que me proporcionaram algo, permita-me a tentativa de citar, ao menos, alguns. Não seria possível falar de todos, mas, certamente, todos estarão em minha mente e coração.

Aos meus pais, Zélia e Junio, os quais são opostos e se complementam. Ambos são, inegavelmente, personificações de amor na minha vida. A minha mãe pode ser comparada a uma pessoa que vive para ser como um abraço: repleta de afeto, aconchego e carinho. O seu apoio me transformou em quem sou hoje. O meu pai, por sua vez, é como se estivesse sempre de mãos dadas comigo: seja como um incentivo a aventuras, apoio a dificuldades, demonstração de carinho ou, ainda, orientação. As suas sábias e irreverentes palavras eu guardo como um tesouro precioso.

Assim, se a minha mãe é como uma melhor amiga carinhosa o meu pai é um melhor amigo que me impulsiona a várias aventuras. De todas as pessoas que eu conhecer, o lugar de vocês jamais poderá ser tirado.

As minhas Tias Jô, Sandra, Josy e Vânia foram, cada uma à sua maneira, diversas coisas para mim. Por vezes desempenharam o papel de mãe. Por outras, foram amigas. Só posso dizer que sou muito grata por ter cada uma em minha vida e me sinto honrada por ter tão fortes exemplos de mulheres.

A minha querida amiga Luciene, a qual nossas famílias foram reciprocamente adotadas, a ponto de meus pais perguntarem por ela o tempo todo e sua mãe ter

carinho por mim. Obrigada, por me escutar, me animar ou, simplesmente, me fazer feliz com a sua companhia. A nossa amizade de escola durou tanto tempo que eu só posso agradecer e desejar que sempre seja assim.

A minha irmã de alma, Silvana, fez total diferença nesse percurso. Amiga a quem eu carinhosamente chamo de “mana” e com quem, de fato, sinto uma proximidade de pensamentos, pontos de vista e gostos. A – uhun – pequena diferença de idade jamais afetou a nossa identificação e similaridade.

Tiago, meu querido amigo, obrigada por dividir o seu mundo com o meu e participar do meu mundo, ao mesmo tempo. Incrível a forma como esses dois mundos paralelos se interceptam e se separam o tempo todo, mas, nunca diminuem o tamanho respeito e amizade que temos. A quem eu não tenho a menor dificuldade em dizer nada o que passa pela minha cabeça. Com quem eu aprecio trocar ideias e passar o tempo. Com quem desejo participar de cada um dos sonhos se tornando realidade.

Agradeço ao Mayllon, a quem eu já disse – e repito – nenhum outro orientador poderia se igualar. Não só no sentido do conhecimento específico sobre a análise do poder escrita por Foucault, a quem comecei temendo, cheguei a odiar e, por fim, amei. Não apenas pelo campo de conhecimento aplicado ao corpo, subjetividade e os seus desdobramentos. Mas, também, pelo alto nível de humanidade em exercer tão nobre atuação de professor, minha sincera gratidão. Obrigada por não me entulhar com um cronograma que fritasse o meu cérebro. Obrigada por se dispor a me escutar. Obrigada por tudo.

Agradeço, ainda, a Clare. Eu acredito que a vida é feita de pequenos momentos. Em um desses momentos eu conheci uma amiga que – YOWZA! – é *whovian* como eu. Obrigada pelas conversas, por me ajudar e por entender as minhas referências.

O padrão de beleza eurocêntrico não nos representa e nem é mais o único definidor de *status quo*.

MATTOS, 2015.

Resumo

O processo de subjetivação é o constante desdobrar por meio do qual a subjetividade é construída. A subjetividade emerge no contexto social, sempre entre os limites do sujeito e da sociedade. O biopoder, conceito escrito por Foucault (2009), designa uma forma de poder que age sobre a vida, categorizando cada um na sociedade e moldando a subjetividade, sempre com a finalidade de governar os sujeitos. Imbricado ao poder há o saber, o qual produz conhecimento acerca daquilo que governa, o que, por sua vez, conserva tal governo. O saber se dá por meio de discursos e separação, implicando a valorização de alguns saberes em oposição a outros. E esta segregação do saber, juntamente com a sujeição que busca dominar a subjetividade, age sobre o corpo, tratado mais especificamente neste trabalho no cabelo, como forma de controle e em torno do qual um discurso divergente do original é imposto. A subjetividade, porém, não se dobra tão facilmente diante do biopoder, ao contrário, implica diversas formas de resistência e um refazer o qual busca atingir a potencialidade de ser que seja livre de imposições socialmente agenciadas. Assim, foi feita a análise de discurso dos comentários e do vídeo da mesma postagem no site de rede social da marca “Tô de Cacho”, a fim de identificar as formas pelas quais age o biopoder nos discursos e saber em torno do cabelo. A análise do discurso da marca também resultou na identificação de ferramentas de apoio a valorização da subjetivação por processos de si e a beleza original dos cabelos crespos e cacheados. Foi possível identificar que a estrutura de funcionamento deste poder, no que diz respeito aos cabelos, envolve a instituição familiar no sentido de pedagogia do alisamento e a institucionalização no ambiente de trabalho com a finalidade de moldar a subjetividade.

Palavras-chave: Biopoder. Subjetividade. Cabelo. Etnia. Redes sociais.

Abstract

The process of subjectivation is the constant unfolding by means of which the subjectivity is built. Subjectivity emerges in the social context, always between the limits of the subject and society. Biopower, a concept written by Foucault (2009), designates a form of power that acts on life, categorizing each person in society and shaping the subjectivity, always with the purpose of governing the subjects. Imbued with power is knowledge, which produces knowledge about what it governs, which, in turn, retains such a government. Knowledge is given through discourses and separation, implying that some knowledge is more valued than others. And this segregation of knowledge, along with the subjection that seeks to dominate subjectivity, acts on the body, treated in this work more specifically in the hair, as a form of control and around which a discourse divergent from the original is imposed. Subjectivity, however, doesn't bend so easily in the face of biopower, on the contrary, it implies various forms of resistance and a redo which seeks to achieve the potentiality of being that is free of impositions socially procured. Thus, it was made the discourse analysis of the comments and the video on the same post in the social network of the "Tô de Cacho" brand, in order to identify the ways in which biopower acts in speeches and knowledge around hair. The analysis of the brand's discourse also resulted in the identification of support tools for the valorization of subjectivation by processes of the self and the original beauty of the frizzy and curly hair. It was possible to identify that the structure of functioning of this power, as far as hair is concerned, involves the family institution in the sense of pedagogy of straightening and the institutionalization in the work environment with the purpose of shaping subjectivity.

Keywords: Biopower. Subjectivity. Hair. Ethnicity. Social media.

Lista de figuras

Figura 1- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o logo da “Salon Line”	49
Figura 2- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com a entrevistada.	50
Figura 3- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” que expressa o cabelo como subjetividade.	51
Figura 4- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” em que se pode ver Shirlena.	52
Figura 5- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” em que se pode ver as mãos de Shirlena.	53
Figura 6- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o logo da série.	55
Figura 7- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o primeiríssimo plano no rosto de Shirlena.	56
Figura 8- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com enquadramento em fotos de Shirlena.	57
Figura 9- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o enquadramento em perfil de Shirlena.	59
Figura 10- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o pausa no relato.	60
Figura 11- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o plano perfil em Shirlena.	61
Figura 12- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o plano detalhe nos cabelos de Shirlena.	62
Figura 13- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com Shirlena recolhida.	63
Figura 14- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” Shirlena sorrindo.	64
Figura 15- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” Shirlena alongada.	64

Figura 16- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” mudança na postura de Shirlena.....	65
Figura 17- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” que expressa a liberdade de Shirlena.	66
Figura 18- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com as fotos de Shirlena.	68
Figura 19- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” primeiríssimo plano em Shirlena chorando.....	69
Figura 20- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com Shirlena recebendo produtos.....	70
Figura 21- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com Shirlena elogiando a marca “Salon Line”.	71
Figura 22- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com a fala de Shirlena.....	72
Figura 23- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com Shirlena se movendo na tela.....	73
Figura 24- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com a despedida de Shirlena.	73
Figura 25- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com a última imagem do vídeo.....	74
Figura 26- Captura de tela do primeiro comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.	77
Figura 27- Captura de tela do segundo comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.	79
Figura 28- Captura de tela do terceiro comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.	80
Figura 29- Captura de tela do quarto comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.	82
Figura 30- Captura de tela do quinto comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.	84
Figura 31- Captura de tela do sexto comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.	86

Sumário

Introdução.....	15
Capítulo 1- Poder e resistência.....	18
Capítulo 2- Cabelo como controle e resistência.....	35
Capítulo 3- Metodologia das análises.....	42
3.1- Análise fílmica do vídeo.....	49
3.2- Análise dos comentários.....	75
Considerações finais.....	87
Referências Bibliográficas.....	90

Introdução

O processo de subjetivação é o constante desdobrar por meio do qual a subjetividade é construída. A subjetividade emerge em um contexto social, sempre entre os limites do sujeito e da sociedade. O biopoder, conceito escrito por Foucault (2009), designa uma forma de poder que age sobre a vida, categorizando cada um na sociedade e moldando a subjetividade, sempre com a finalidade de governar os sujeitos.

Assim, o biopoder age em todos e em cada um e se legitima na noção de que garante o bem-estar social. Imbricado ao poder há o saber, o qual produz conhecimento acerca daquilo que governa, o que, por sua vez, conserva tal governo. O saber se dá por meio de discursos e separação, implicando a valorização de alguns saberes em oposição a outros.

E esta segregação do saber, juntamente com a sujeição que busca dominar a subjetividade, agem sobre o corpo, tratado mais especificamente neste trabalho no cabelo, como forma de controle e em torno do qual um discurso divergente do original é imposto.

A subjetividade, porém, não se dobra tão facilmente diante do biopoder, ao contrário, em alguns casos, implica diversas formas de resistência e um refazer o qual busca atingir a potencialidade de ser que seja livre de imposições socialmente agenciadas.

Destaca-se, o saber não é uma tradução da verdade, conforme o aceito pelo senso comum. O saber, antes, constrói a realidade ao gerar distinções e validá-las. Como, por exemplo, o conceito de “raça”, o qual surgiu na biologia, e é uma palavra que denota segregação entre os seres humanos, segregação esta aceita por Hitler e seus seguidores, conceito sobrevivente nos tempos atuais e remoldado para o “ruim” atribuído ao cabelo.

Os discursos, embora reproduzidos pelos sujeitos, tem a sua origem no campo social. São, por vezes, antigos e editados ao longo dos anos. Embora alguém o pronuncie, não se trata de seu produtor, mas antes, seu porta voz.

O poder, conforme a análise de Foucault (2006), implica resistência. Uma vez que haja a resistência há, então, a capacidade de subverter as formas pelas quais o

poder age. E a subjetividade envolve, ainda, o corpo. O corpo é o lugar onde se experimenta a si, se vive.

Neste trabalho o site de rede social foi escolhido como campo de pesquisa para analisar as formas pelas quais as relações de poder tomam expressão no cabelo, bem como a resistência imbricada. A análise foi preterida sobre o Facebook da marca “Tô de Cacho”, mais especificamente sobre os objetos decorrentes da mesma postagem: comentários e vídeo. A postagem difundia um episódio da série “Mulheres em Transição”, produzida pela marca e divulgada em suas plataformas.

Assim, a análise fílmica do vídeo foi realizada em suas etapas de descrição e interpretação, nesta segunda etapa foi aplicada a análise de discurso escrita por Foucault (1996). A análise dos comentários, por sua vez, se deu também pela proposta de análise discursiva proposta por Foucault.

No primeiro momento deste trabalho discorreremos sobre o poder, suas estruturas de agência e os seus conceitos relativos, tais como corpo e subjetividade. No segundo capítulo são abordados os autores mais específicos do cabelo, os discursos que o envolvem bem como o preconceito relacionado. No terceiro capítulo apresentamos os autores e a metodologia empregada nas análises. No primeiro tópico do terceiro capítulo se desdobra a análise fílmica do vídeo do episódio da série Mulheres em Transição com a maior visibilidade dentro da plataforma da marca “Tô de Cacho”. No segundo tópico do mesmo capítulo está a análise dos comentários referentes à mesma postagem, comentários estes que foram escolhidos segundo o maior número de reações no site de rede social. No último momento são apresentadas as considerações finais.

O objetivo deste trabalho é analisar as formas pelas quais as relações de poder-saber tomam expressão no cabelo tendo como plataforma o site de rede social da marca “Tô de Cacho”. Para tanto, realizamos a pesquisa bibliográfica acerca do tema; produzimos as análises do vídeo e dos comentários para interpretar quais e como os sentidos foram construídos; identificamos como age este tipo de poder e as formas de resistência acerca da subjetividade no que diz respeito ao cabelo.

Desde a infância me lembro de questionar a mim mesma acerca da pressão que age sutilmente e busca impor formas de ser. Na adolescência as chamei de padrões sociais. Na faculdade esta nomenclatura mudou para mídia. O Trabalho de

Conclusão de Curso me possibilitou conhecer melhor a teia e, agora sei, trata-se do biopoder que busca dominar a subjetividade.

A ideia de que todos são iguais nunca fez o menor sentido. E isto porque, embora as condições fossem diferentes, esta ideia apoia o sentido de que não há diferença alguma. Um discurso vazio e ignorante para com a diversidade.

Um discurso que é negado constantemente nos discursos repetidos pelas pessoas que caracterizam o cabelo como “ruim”, no termo atribuído como “moda” aos cachos, no padrão de cabelo liso – ou alisado – e na busca frenética das crespas e cacheadas por modificarem a si mesmas.

Como as relações de poder tomam expressão nos cabelos crespos e cacheados?

O caminho percorrido durante o TCC me possibilitou interpretar que há uma rede de poder, baseado em saberes e discursos há muito gerados, que constituem dispositivos que se modificam, se adequam aos novos modos de ser e estar no mundo. As estruturas as quais permitem a agência deste tipo de poder são diversas, variam do olhar do outro à introjeção.

Mas, o poder-saber não se resume em repressão. Conforme escreveu Foucault (2009), poder e liberdade são intrínsecos, uma vez que a liberdade é necessária para condicionar o sujeito a reagir diante das forças que possuem o objetivo de governar as suas ações.

De todas essas coisas, porém, a que eu guardo comigo é a resistência. Essa sim, árdua e bela, se nega a ter a própria subjetividade moldada e governada, mas antes, experimenta a si mesma, se auto aceita e se refaz, com o eterno objetivo de se tornar a potencialidade de si mesma que é livre.

Capítulo 1

Poder e resistência

O poder não é um objeto, de forma que possa ser cedido ou tomado. Tampouco uma entidade, a qual exerça o controle universal a partir de um local misterioso. Conforme escreveu Machado (2015, p.17), a partir da sua leitura do trabalho de Foucault: “Rigorosamente falando, o poder não existe; existem práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona”.

Portanto, ao invés de pensar poder como objeto ou entidade, o autor o conceitualiza-o em termos de práticas ou relações. Ele também destaca o aspecto abrangente, visto que é impossível escapar das relações de poder existentes na sociedade.

O interessante da análise é justamente sugerir que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível (MACHADO, 2015, p.17).

Pensar o poder como uma prática que se exerce implica a oposição à “uma entidade coerente, unitária e estável” (REVEL, 2005 p. 67). Implica, ainda, analisar “tanto a emergência histórica de seus modos de aplicação quanto aos instrumentos que ele se dá, os campos onde ele intervém, a rede que ele desenha e os efeitos que ele implica numa época dada” (REVEL, 2005 p. 67). Isto levando sempre em conta que o poder é exercido por todas as pessoas numa relação sucessiva e, até mesmo, simultânea, ou seja, não há uma separação rígida entre aqueles que exercem o poder sobre aqueles em quem o poder é exercido.

Assim, é impossível analisar o poder de forma mundial, visto que as relações de poder se dão de diferentes formas, de acordo com o período histórico e as condições de emergência. As relações de poder mudam constantemente, conforme visto anteriormente, os papéis nas práticas de poder não são fixos. Cabe, então, analisar relações de poder específicas, análises estas fragmentárias, e por meio delas traçar o “como” se dão, identificar padrões e distinções.

Trata-se de fazer uma investigação dos mecanismos e a forma como se articulam na ação do poder, que rege a ação sobre a ação, de forma que se possa

entender a sua formação ao longo da história. Pode-se comparar a relação de poder com a conduta.

O termo 'conduta', apesar de equivocado, talvez seja um dos que melhor permite atingir aquilo que há de específico nas relações de poder. A 'conduta' é, ao mesmo tempo, o ato de 'conduzir' os outros (segundo mecanismos de coerção mais ou menos estritos) e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades. O exercício do poder consiste em 'conduzir condutas' e em ordenar a probabilidade. O poder, no fundo, é menos da ordem do afrontamento entre dois adversários, ou do vínculo de um com relação ao outro, do que da ordem do 'governo' (FOUCAULT, 2009, p.14).

Portanto, o poder só existe em ato e este ato não se compara corretamente com a luta, no sentido de enfrentamento e guerra, ou a relação, no sentido de relacionamento. Tal ato se dá no sentido de governar, controlar, gerenciar e reger o outro.

Relações de poder não podem ser confundidas com capacidades objetivas, as quais designam um certo potencial que "exercemos sobre as coisas e que capacita para modificá-las, utilizá-las, consumi-las ou destruí-las" (FOUCAULT, 2009, p. 11). Esta aptidão é caracterizada pela capacidade direta de se exercer no corpo ou por meio de instrumentos, sendo assim diferente das relações de poder, as quais são uma ação sobre as ações dos outros com o objetivo de governar.

As relações de poder são, ainda, distintas das relações de comunicação. Esta última caracterizada pela produção de significados, comunicar envolve a emissão de uma mensagem por um determinado meio e a sua recepção no outro polo, podendo haver o *feedback* e a existência de ruídos que atrapalham este processo, segundo aponta Foucault (2009).

É necessário distinguir também as relações de poder das relações de comunicação que transmitem uma informação através de uma língua, de um sistema de signos ou de qualquer outro meio simbólico. Sem dúvida, comunicar é sempre uma certa forma de agir sobre o outro ou os outros. Porém, a produção e a circulação de elementos significantes podem perfeitamente ter por objetivos ou por consequências efeitos de poder, que não são simplesmente um aspecto dessas. Passando ou não por sistemas de comunicação, as relações de poder têm a sua especificidade (FOUCAULT, 2009, p. 11).

Nota-se que os três gêneros de relações descritos acima não possuem uma delimitação intransigente, de modo que jamais possam ser ligadas. Ao contrário,

podem ser associados e “estão sempre imbricados uns nos outros, apoiando-se reciprocamente e servindo-se mutuamente de instrumento” (FOUCAULT, 2009, p. 11). Afinal, os instrumentos que fazem circular o poder e constituem a sua estrutura social são diversos, mas se complementam reciprocamente.

Corroborando, Foucault (2015, p. 338) destaca a importância do trabalho nas relações de poder: “Isso se deve ao fato de que as técnicas de poder foram inventadas para responder às exigências da produção”. Portanto, o poder é produtivo, em sua articulação ele produz o sujeito por meio de seu governo.

Esta rede, da qual nada e ninguém escapa, possui uma peculiaridade física, pois atua por meio de “mecanismos que penetram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos” (FOUCAULT, 2015, p. 243). Isto é, a microfísica do poder, apesar de se estender por toda a sociedade, também atua no corpo de cada indivíduo, moldando-o.

Assim, o poder disciplina a vida por meio de dispositivos, de modo que “o poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário, o fabrica” (MACHADO, 2015, p. 25).

O que Foucault chamou ‘microfísica do poder’ significa tanto um deslocamento do espaço quanto do nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, à medida que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção a suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos (MACHADO, 2015, p. 14).

A microfísica é um termo que representa um sistema de agência do poder, por meio de dispositivos e instituições agem sobre as pessoas. Além disso, trata-se de uma agência no corpo físico, ou seja, a legalização do poder para que passe a ser infligido sobre o corpo. Desta forma são dois aspectos complementares: a atuação nas diferentes estruturas da sociedade e a atuação no corpo de cada um.

O conceito de dispositivo é fundamental para compreender a forma pela qual o poder emerge. Dispositivos podem ser definidos como uma série de elementos que podem ser discursos, leis, construções de arquitetura, instituições, formulações científicas, entre outros. “Eles são, por definição, de natureza heterogênea: trata-se tanto de discursos quanto de práticas, de instituições quanto de táticas moventes” (REVEL, 2005, p. 39).

Já a disciplina surge como a categoria de aplicação do poder que “caracteriza-se por um certo número de técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atitudes, os gestos, os corpos” (REVEL, 2005, p. 35). Em suma, a disciplina pode ser considerada como dispositivo, o qual já foi definido previamente. Ambos os termos designam formas diversas e heterogêneas pelas quais o poder pode circular e se estender.

Se é por meio do conhecimento de como o poder emerge que se pode compreender seus dispositivos, como funcionam e o que produzem, a análise do poder realizada por Foucault traçou os dispositivos empregados no poder disciplinar.

Em primeiro lugar, a disciplina é um tipo de organização do espaço. É uma técnica de distribuição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório. Isola em um espaço fechado, esquadrinhado, hierarquizado, capaz de desempenhar funções diferentes segundo o objetivo específico que dele se exige. Mas, como as relações de poder disciplinar não precisam necessariamente de espaço fechado para se realizar, essa é a sua característica menos importante. Em segundo lugar, e mais fundamentalmente, a disciplina é um controle do tempo. Isto é, ela estabelece uma sujeição do corpo ao tempo, com o objetivo de produzir o máximo de rapidez e o máximo de eficácia. (...) Em terceiro lugar, a vigilância é um de seus principais instrumentos de controle. (...) Olhar invisível – como o do *Panopticon* de Bentham, que permite ver tudo permanentemente sem ser visto – que deve impregnar quem é vigiado de tal modo que este adquira de si mesmo a visão de quem o olha. Finalmente, a disciplina implica um registro contínuo de conhecimento. Ao mesmo tempo que exerce um poder, produz um saber (MACHADO, 2015, p. 22-23).

O saber é intrínseco ao poder, uma vez que é necessário obter saber sobre o que se quer controlar para que, efetivamente, se possa governar. Assim, o poder disciplinar produz e rege o saber a partir e sobre os indivíduos, que se tornam objetos deste mesmo saber. Além disto, trata-se de “analisar não somente a maneira pela qual os indivíduos tornam-se sujeitos de governo e objetos de conhecimento, mas também a maneira pela qual acaba-se por exigir que os sujeitos produzam um discurso sobre si mesmos” (REVEL, 2005, p. 78).

Desta forma, o saber serve aos interesses do poder, ambos se exercendo mutuamente, estabelecendo sobre as pessoas regimes de verdade, extraindo delas saber e compondo saber sobre elas. Esta percepção se contrasta a ideia de que o saber é neutro, a tradução da verdade, pois a análise do poder foucaultiana

caracteriza que o “saber é político”, “porque todo saber tem sua gênese em relações de poder” (MACHADO, 2015, p. 28).

Outro mecanismo de poder é a punição. Este passou por uma evolução histórica nas formas de punir, essencialmente partindo do Estado, o qual é visto como legítimo ao realizar práticas de punição, tais como tortura, mutilação, morte, etc. No governo da monarquia o soberano era legitimado a exercer a punição sobre aqueles que infringiam a lei e a ordem, assim considerados como se tivessem infringido o corpo do soberano. Desta forma, era infligido ao corpo de tais malfeitores uma punição que castigava os seus corpos, ato este espetacularizado e exposto ante toda a sociedade. O corpo do marginal supliciado era uma espécie de aviso para toda a sociedade de que não se poderia enfrentar o governante, de modo que era uma demonstração de poder.

Mas, há muitos custos envolvendo este tipo de punição. A violência escancarada poderia causar revoltas, além de que ao longo do tempo maculavam a imagem dos governantes, por ser um exemplo de poder que agia de forma grotesca.

Uma descontinuidade da forma da punição pode ser enxergada na reforma legislativa e política, nas quais o marginal passa a ser assistido por uma série de condições e o governante já não é mais percebido como contra quem o crime era infringido. E, embora haja os aspectos legislativo e político, ambos não desvinculam a punição da área do poder, apenas alteram o modo como ele funciona. O dispositivo de punição passa por uma edição no século XVIII realizada por reformadores, os quais eram juristas e a elite acadêmica da sociedade, tidos como a elite de pensadores, responsáveis por descentrar a disciplina por toda a sociedade.

Se antes o suplício do corpo era o modelo de punição centrado em poucos, agora qualquer um na sociedade pode ser punido, desde que transgrida a lei. Na sociedade moderna a punição é aplicável a todos não mais em uma perspectiva de exibição, mas no aprisionamento o qual generaliza a punição, que agora está relacionada à ideia de que todos são vigiados e serão punidos, caso sejam passíveis de punição. Mais que isso, normaliza a punição que antes era grotesca, da tortura exibida para o afastamento dos marginais da sociedade, para a defesa dela e não mais para exercer o poder do soberano.

A punição já não é mais um meio de o soberano vencer seu inimigo, aquele que transgredir o seu bem. Agora trata-se de um poder que é exercido para o

benefício da sociedade, uma vez que acontece a separação entre os marginais e os “cidadãos de bem”, por isso há um novo objetivo na legitimação da punição, não mais centrada no poder do soberano, mas na defesa da sociedade. E vai além disto, a passagem do corpo supliciado para a prisão vigiada significa que o poder é exercido de forma mais sutil, não mais centrado, porém espalhado por toda a sociedade¹.

Há também uma relação entre a punição e outro dispositivo: a vigilância. Aliás, na análise do poder realizada por Foucault (2009, p. 12) as características das disciplinas são de sobreposição e articulação “segundo esquemas artificialmente claros e decantados”. Ou seja, conforme visto anteriormente as disciplinas são, por definição, heterogêneas e diversas e através delas é que se é possível mostrar a forma pela qual o poder é exercido sobre a sociedade, também de forma diversa e heterogênea, de acordo com as microesferas e suas especificidades.

A terceira disciplina, a saber, a vigilância é ilustrada por Foucault no “panóptico”, que seria o exemplo de perfeição, já que esta obra arquitetônica possibilita a visibilidade de tudo e todos a partir de um ponto específico. Nota-se a hierarquia de papéis, na qual alguém exerce o controle e todos os outros são cuidadosamente vigiados, de forma que estes possuem consciência do olhar que pesa sobre eles.

A vigilância está relacionada, ainda, com o saber. A partir da visibilidade de uns sobre outros, quem vigia gera saber acerca de quem é vigiado, e este último se encontra sob controle porque tem consciência de que é vigiado. Trata-se de um poder automático, exercido por poucos sobre muitos, e um círculo vicioso pois, mesmo que o papel de quem vigia mude, a estrutura de vigilância se mantém, de forma que outra pessoa irá adquirir o papel de vigia.

Pelo que foi visto, os mecanismos foram alterados ao longo da história, havendo a descontinuidade de alguns em relação a outros: “Em suma, inverte-se o princípio da masmorra; a luz e o olhar de um vigia capturam melhor que o escuro que, no fundo, protegia” (FOUCAULT, 2015, p. 320). O olhar, como mecanismo da microfísica do poder, é mais eficiente. Talvez o seu maior trunfo seja a interiorização, a qual foi tratada anteriormente.

¹ Embora a sociedade da vigilância já tenha sido superada, uma vez que sujeito disciplinado para a produção deu lugar ao sujeito de consumo.

Já o olhar vai exigir muito pouca despesa. Sem necessitar de armas, violências físicas, coações materiais. Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá a vigilância sobre e contra si mesmo (FOUCAULT, 2015, p. 330).

De fato, o olhar é um mecanismo de poder muito eficiente. Mas, os reformadores do século XVIII creditaram ao olhar uma autoridade que se mostrou utópica. A concepção era a de que o dispositivo do olhar seria politicamente correto e democrático, mas isso se mostrou falho.

Eles acreditaram que a opinião era justa por natureza, que ela se difundiria por si mesma e que seria um tipo de vigilância democrática. No fundo, foi o jornalismo - invenção fundamental do século XIX - que manifestou o caráter utópico de toda essa política do olhar (FOUCAULT, 2015, p. 339).

O erro foi desconsiderar os interesses pessoais de quem exerce o olhar, controlando assim por meio dele. Ao invés de servir aos interesses de todos, aquele que se encontra no papel de ter a capacidade de agência sobre os outros serve de acordo com as suas próprias motivações. O olhar, desta forma, não possui caráter democrático, mas é utilizado como ferramenta para determinados propósitos.

Desta forma, o olhar significa uma mutação na história das relações de poder. Se, antes, a coerção era diretamente no corpo físico com o uso da violência atualmente ela se dá através da ação sobre a ação do outro.

De fato, aquilo que define uma relação de poder é um modo de ação que não age direta ou imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. Uma ação sobre a ação, sobre ações eventuais ou atuais, futuras ou presentes (FOUCAULT, 2009, p. 13).

Por ter consciência do olhar que o vigia, o indivíduo se torna examinado constantemente, também acaba examinando a si mesmo, assim o olhar controla as suas ações. Se o poder é uma ação sobre as ações o olhar, servindo a objetivos próprios, busca exercer disciplina sobre as ações. Desta forma, o indivíduo se encontra em uma relação na qual é alvo de forças que buscam controlar as suas ações, sutilmente moldá-lo.

Mas, vai além. O poder passa a agir não apenas na disciplina do corpo, mas sim no “espírito”. Assim, passa-se do poder disciplinar ao biopoder, que se exerce na “população”, a qual pode ser considerada como “um conjunto de seres vivos e

coexistentes que apresentam traços biológicos e patológicos particulares e cuja própria vida é suscetível de ser controlada a fim de assegurar uma melhor gestão da força de trabalho” (REVEL, 2005, p. 27).

Enquanto a disciplina se dá como anátomo-política dos corpos e se aplica essencialmente aos indivíduos, a biopolítica representa uma ‘grande medicina social’ que se aplica à população a fim de governar a vida: a vida faz, portanto, parte do campo do poder (REVEL, 2005, p. 27).

O objeto do poder não é mais o corpo, os movimentos e gestos com o objetivo de produzir de maneira mais eficiente e como forma de disciplina. Agora, o foco é o controle da vida da população em geral, se desdobrando em muitos aspectos, tais como a sexualidade, saúde, estética, entre outros. Considerar o biopoder é considerar que a vida se tornou objeto de poder, no sentido de objetificação da vida, “na medida em que dizer que o poder investiu a vida significa igualmente que a vida é um poder, pode-se localizar na própria vida” (REVEL, 2005, p. 27-28).

Desta forma, não se pode ignorar os mecanismos nas relações de poder e a forma como são empregados. Mas, da mesma forma, não se pode menosprezar os diferentes atores que agem nestas relações, bem como suas estratégias, segundo escreve Foucault (2015, p 342).

A análise dos mecanismos de poder não tende a mostrar que o poder é ao mesmo tempo anônimo e sempre vencedor. Trata-se ao contrário de demarcar as posições e os modos de ação de cada um, as possibilidades de resistência e de contra-ataque de uns e de outros (FOUCAULT, 2015, p. 342).

Há uma característica notável: “O termo ‘poder’ designa relações entre ‘parceiros’” (FOUCAULT, 2009, p. 11). Isto implica que “não há relação de poder sem resistência” e “toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta” (FOUCAULT, 2009, p. 18). Deste modo, as relações de poder e a resistência são intrínsecos, se afetam mutuamente, caracterizando a constante possibilidade de mudança.

Assim, a resistência representa a possibilidade de que, nas relações de poder, as estratégias do grupo que atualmente sofre na condição de opressão, obtenham bons resultados em suas estratégias de ação e alcance a condição de dominante. Significa, ainda, que as forças que buscam moldar o indivíduo não são

soberanas, pois elas se contrapõem a resistência desse mesmo indivíduo em ter as suas ações governadas.

Das diversas formas poder que existem, Foucault descreve uma característica dos tempos contemporâneos:

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos (FOUCAULT, 2009, p. 6).

A palavra “sujeito”, neste contexto, implica a sujeição de um indivíduo por meio do controle e da ligação de uma pessoa a uma identidade previamente fixada sobre ela. A identidade, a qual pressupõe estabilidade, é ligada de forma coercitiva ao sujeito, de modo que há a imposição de uma forma de ser. Também implica a construção da subjetividade do sujeito, moldando-a segundo padrões exteriores. De qualquer forma, os dois se configuram como “uma forma de poder que subjuga e sujeita” (FOUCAULT, 2009, p. 6).

Primeiramente, seria “necessário estender as dimensões de uma definição de poder se quiséssemos usá-la ao estudar a objetivação do sujeito” (FOUCAULT, 2009, p. 3). Isto é, analisar o que legitima o poder e como ele é praticado. Para tanto, o autor lista as necessidades como “um pensamento crítico”, que implica “uma verificação constante”, e “uma consciência histórica da situação presente”. Tais necessidades explicitam o caráter mutável das práticas de poder, tanto que Foucault nunca escreveu sobre o tema de forma simplória, desconsiderando a especificidade da emergência das relações de poder.

Pelo contrário, mesmo que tenha produzido uma análise do poder, Foucault (2009, p. 3) escreveu vigorosamente contra a formulação de uma teoria geral do poder, pois defendia que “uma teoria assume uma objetivação prévia, ela não pode ser afirmada como uma base para um trabalho analítico.” Em suma, a teoria cria uma conceituação anterior que serviria como uma espécie de fórmula aplicável a outros contextos e, neste ponto, não é pertinente a análises do poder.

De acordo com Foucault (2009, p. 5), há aspectos específicos sobre o poder que sujeita os indivíduos, a saber, o biopoder. O primeiro deles é o “governo da individualização”, que questiona a noção de individualidade.

por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo (FOUCAULT, 2009, p. 5).

O segundo aspecto é ligado ao saber. Conforme foi considerado previamente, o saber e o poder se relacionam mutuamente, ele também separa os indivíduos categorizando-os, objetificando-os, produzindo saber sobre eles ao mesmo tempo em que lhes extrai o saber. Há, ainda, um determinado “regime do saber” (FOUCAULT, 2009, p.), que gerencia o acesso ao conhecimento tanto quanto privilegia alguns tipos de conhecimento. Assim, os enunciados passam a ser considerados como verdade em distinção a outros tidos como falsos ao longo da história, assim impondo um regime de verdade aos sujeitos.

Tais regimes de verdade objetificam as pessoas, transformando-as em sujeitos. Isto implica “pensar o sujeito como um objeto historicamente constituído sobre a base de determinações que lhe são exteriores” (REVEL, 2005, p. 84). Deste modo, o que molda o indivíduo não é algo que vem de si, interno, mas mecanismos que são exteriores a ele e que fazem parte do íntimo da “grade do saber/poder” (REVEL, 2005, p. 85). Tais mecanismos externos são aqueles que os indivíduos não possuem a capacidade de definir e, até mesmo, controlar, embora esses mecanismos exerçam algum tipo de governo sobre o indivíduo, tais como sexualidade, noção de “raça”, igreja, entre outros. Ou seja, “se o sujeito se constitui, não é sobre o fundo de uma identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou ainda por técnicas de si” (ibid., p. 85).

Destaca-se que a produção do sujeito é exterior a ele mesmo, seja ela pelo determinismo da forma de ser, seja ela uma resistência a este determinismo. Pois, ainda que o sujeito se negue a seguir tal imposição, trata-se de um movimento que foi gerado de forma exterior a ele mesmo, uma vez que o posicionamento de insurgir só foi possível a partir da existência de algo a se opor, neste caso um tipo de poder que busca controlar. E, ainda que a produção do sujeito se dê pela resistência, trata-se da repetição de um posicionamento que não é singular, mas toma expressão num contingente de pessoas que tomam tal ação em conjunto. Ou seja, não é um modo de ação que partiu do sujeito, mas que se originou em conjunto com a sociedade numa forma de resistência a um regime de governo.

Foucault (2009, p. 5) também faz uma oposição à “deformação e às representações mistificadas impostas às pessoas”, no sentido de que o poder, por meio dos regimes de verdade do saber, produz um corpo cujas características são anormais. Uma aplicação prática destes regimes de verdade é a imposição de padrões de beleza, os quais determinam uma meta de estética inalcançável, anormal e plástica.

Em detrimento aos regimes de saber há o apagamento de outras realidades, na distinção entre dar visibilidade a determinadas formas de ser e excluindo outras. Desta forma, os regimes de saber também são recortes que, ao privilegiar um ponto, exclui tantos outros. Assim, é em torno das relações de poder que o indivíduo subjetiva-se.

E vai além, pois como o poder produz o sujeito, moldando os indivíduos, há a imposição de um padrão deformado, oposto ao natural. Isto configura-se como uma espécie de violência a qual “ignora quem somos individualmente” (FOUCAULT, 2009, p. 6), determinando quem cada um deve ser embasado em um recorte.

Assim, a análise do poder foucaultiana é, também, uma crítica à racionalidade validada politicamente que impõe o poder sobre a sociedade. Uma crítica ao controle institucionalizado da vida e aos seus mecanismos que se estendem sobre toda a sociedade. E, ainda mais, ao traçar a genealogia do poder o autor (2009, p. 4) demonstra a forma pela qual “fomos capturados em nossa própria história”.

Não acredito que devêssemos considerar o ‘Estado moderno’ como uma entidade e que tenha se desenvolvido acima dos indivíduos, ignorando o que eles são e até mesmo sua própria existência, mas, ao contrário, como uma estrutura muito sofisticada, na qual os indivíduos podem ser integrados sob uma condição: que esta individualidade fosse moldada numa nova forma e submetida a um conjunto de modelos muito específicos (FOUCAULT, 2009, p.8).

A forma pela qual este poder é legitimado se dá em seu objetivo. Os indivíduos se sujeitam a este poder porque assim será garantida neste mundo a sua “salvação”. Cabe aqui detalhar que, de acordo com Foucault (2009, p. 8), o sentido da palavra é diverso, abrangendo “saúde, bem-estar (isto é, riqueza suficiente, padrão de vida), segurança, proteção contra acidentes”.

Portanto, a legitimação do biopoder se dá na perspectiva de que ele preza pelo bem da sociedade, na ideia de que ele seria exercido com o propósito de

garantir que todos sejam agraciados com uma vida plena em bem-estar e, por este motivo, o controle da vida é legalizado.

Outro ponto a ser considerado é que há a institucionalização como um dos mecanismos empregados, uma vez que diferentes iniciativas são mobilizadas, não somente o Estado, tais como instituições públicas, privadas, filantrópicas, família e outras, todas servindo a manutenção dos interesses do governo do sujeito. Destaca-se que o Estado não é o centro do poder-saber, afinal não há um centro. Todas estas instituições, juntamente com os diversos mecanismos, são pequenas peças nesta grande máquina e cada uma delas deve funcionar bem para que a máquina funcione perfeitamente.

Assim, é essencial caracterizar que o Estado não é o centro deste poder que sujeita, o Estado organiza a sociedade e é impossível viver em sociedade sem se deparar com as relações de poder. O Estado se caracteriza como uma importante peça, ainda assim, é uma dentre muitas que garantem o todo da maquinaria a qual permite que o poder seja exercido.

Trata-se de uma dupla ancoragem, uma vez que o poder que controla a vida “é uma forma de poder tanto individualizante quanto totalizadora” (FOUCAULT, 2009, p. 8). O foco totalizador é referente à população e à articulação das diferentes instituições e dispositivos relacionados ao poder. A questão individual diz respeito ao indivíduo, à emolduração de sua subjetividade num meio exterior a ele e da racionalidade hierarquizadora que se rege através da análise, por meio do saber, a qual determina a forma de ser.

Aqui, o que é imposto é uma forma de “ser”, uma prática de poder que atua na forma pela qual a pessoa vive a sua própria vida, negando-lhe a sua subjetividade e sujeitando-a a regimes de verdade. A estrutura e o discurso em torno do cabelo pode ser pensado como uma forma pela qual o poder deste tipo se exerce, pois a bibliografia acerca do tema, da etnografia à autobiográfica, possui uma denúncia em comum: a existência de separação entre tipos de beleza, uma vez que há a ocorrência do apagamento de algumas em detrimento do privilégio de outras.

Mas, se não há poder sem resistência, obviamente há luta contra este tipo de poder que sujeita, tão característico do nosso tempo.

E, atualmente, a luta contra as formas de sujeição – contra a submissão da subjetividade – está se tornando cada vez mais importante, a despeito de as lutas contra as formas de dominação e

exploração não terem desaparecido. Muito pelo contrário (FOUCAULT, 2009, p. 6).

Portanto, o tipo de poder que age sobre a sujeição da subjetividade pode ser considerado mais do que uma espécie de violência, mas também espécies de dominação e de transformação. Mesmo que a agência do poder já não mais produza e exiba o suplício do corpo, trata-se da dominação da subjetividade, um tipo diverso, porém não oposto ao caráter de violência.

Este contexto explicita, também, a relação entre o poder e o saber nesse processo de subjetivação, pois há uma sincronia entre a forma pela qual é construída os objetos de conhecimento, por meio da racionalidade, e a forma pela qual se dá a subjetivação. É no saber que a verdade é validada, existindo regras de separação nesta validação, além da produção de um saber que torna o indivíduo um objeto de governo.

Para começar, é necessário esclarecer o conceito de identidade. Hall (2006, p. 11) argumenta que “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”, ou seja, a identidade do sujeito no Iluminismo era, essencialmente, contínua ao longo da vida, do nascimento à morte. Ele continua apresentando a teoria clássica da sociologia, na qual “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”.

A questão da identidade, porém, passa por uma transformação quando (ibid., p. 7) “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Isto faz parte de um processo que abala as referências que firmavam as pessoas em uma “ancoragem estável” em suas vidas.

Assim, a noção de identidade do indivíduo é alterada, “esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (ibid., p. 12). Há, portanto, o descentramento do sujeito moderno, de modo que a noção básica da identidade como sendo uma âncora é um paradigma que ruiu.

O conceito de identidade, ainda, é baseado sobre a pedagogia da diferença, uma vez que a identidade não é somente o que o sujeito é, mas também aquilo que ele não é. Isto corrobora com a racionalidade empregada no biopoder, no qual as vidas são categorizadas para o melhor governo da população. Portanto, a identidade já não pode ser pensada como um conceito completo, mas sob rasura, conforme

Oliveira (2018, p. 51) “um conceito que deve estar sob rasura, isso implica em percebê-la como um conceito que não seria mais suficiente para descrever tudo que ele propõe, mas que é necessário à organização social e que não tem, até então, nenhum substituto à altura.”

Isto explicita um impasse: não há um conceito que suporte a complexidade de quem é o sujeito moderno e efêmero. O que se pode fazer é buscar uma terminologia que melhor se adeque ao propósito. De certa forma, essa questão epistemológica faz jus ao tempo presente, pois a modernidade tem como características a falta de paradigmas, as mutações incessantes, a imprevisibilidade e a velocidade.

Tem-se, nesta época um sujeito deslocado, descentrado de estruturas tradicionais e conceitos que estabeleciam, até então, um futuro linear em que ele estava ligado a suportes os quais não só forneciam estabilidade quanto o prendia a esta monotonia, impedindo que algumas revoluções importantes acontecessem, como a relacionada à questão da beleza negra nas sociedades colonizadas por países europeus.

Enquanto a identidade pressupõe certa estabilidade, a subjetividade é um processo constante de mudança e certo “desfazer” de si mesmo para “refazer-se”. A subjetividade caracteriza-se pela possibilidade atribuída ao sujeito da mudança de ponto de vista, criação novas experiências e formas de vida, contrapondo-se a identidade, a qual enquadra o sujeito de uma forma e destaca, não só o que ele é, mas o que não é. Assim, a identidade implica a sujeição por meio da diferença, a qual, instantaneamente, estabelece a segregação do que é tido como “bom” em oposição ao que é “ruim”.

A subjetividade, por sua vez, supõe uma linha que representa os limites entre a esfera interna de si e o mundo exterior, ou seja, entre o indivíduo e a sociedade. Segundo Oliveira e Gomes (2017, p. 98), considera-se a subjetividade como “um modo pelo qual nos tornamos sujeitos, ou seja, são práticas de si, por mais que estejam inseridas nos discursos que trazem em si os jogos de saberes e poderes”.

Portanto, a subjetividade pode ser compreendida como a forma como o sujeito constrói a si mesmo, mesmo que num contexto social no qual lhe é imprimido formas de ser, uma vez que, mesmo que as práticas de poder e os regimes de saber tenham se desenvolvido com a finalidade de governar os sujeitos, não há poder sem

a existência de resistência, conforme visto previamente. Assim, dentre todas as potencialidades de se tornar, há um eterno desdobrar que se dá em um ciclo condicionado pelas práticas de si e as forças exteriores.

Há o processo de subjetivação, isto é, o sujeito pode ser formado, por meio da introjeção do controle representado pelo biopoder e/ou se insurgir contra este poder. Trata-se de algo variável, uma vez que pode acontecer em encadeamento ou linearidade, talvez o sujeito seja controlado a vida toda, talvez seja controlado e se rebele. Tal rebelião nem sempre se dá por confronto direto, pois o indivíduo pode usar de artimanhas, subterfúgios e estratégias de desvios.

Faz-se necessário esclarecer os conceitos de subjetividade e subjetivação. A subjetividade é a experiência de si e envolve a subjetivação, que é o processo contínuo de construção da subjetividade; portanto, os processos de subjetivação formam a subjetividade.

A subjetivação governada pelo biopoder, se dá de um modo heterogêneo. Conforme visto anteriormente, a estrutura que permite a articulação do controle da vida se dá por meio de uma complexa estrutura, variados dispositivos, institucionalização deste biopoder, discursos e regimes de saber. Já a subjetividade por meio das práticas de si é igualmente heterogênea e inconstante, logo ela se contrapõe à identidade. Pois, ao invés de caracterizar o sujeito por meio de um fenótipo – como a cor da pele ou a textura do cabelo –, a subjetividade o considera como um ser vivente e desejante, o qual constitui a si mesmo por meio de sujeições e resistências.

Os modos de subjetivação são pautados nas vivências e nas práticas de si, portanto a subjetividade é dinâmica e está em constante mutação, construída com base nas experiências de vida e resistências oferecidas pelos sujeitos em sua relação com e no mundo que os rodeia (OLIVEIRA; GOMES, 2017, p. 100).

Assim, a vida pode ser enxergada na perspectiva de uma constante prática da subjetivação, pautada por instâncias internas e externas, as quais ora se embatem e ora se harmonizam, sempre em eterna transformação da subjetividade.

A subjetividade, ainda, se dá no corpo, o qual pode ser entendido como:

Esse corpo está para além do corpo orgânico - objeto de estudo da biologia; ele é um corpo construído com base nas relações com o tempo, as forças de saber poder e as coisas do mundo. A biologia, enquanto um campo do saber e do poder, é capaz de dar

determinadas características a seu objeto de estudo. Já as ciências sociais, como a antropologia, sociologia e sexologia, se ocupam dos campos de saber relacionados a esse corpo em intersecção com o social e suas relações (afetivas, econômicas, emocionais, culturais, sexuais e afins). Então, pode-se ver esse corpo sob a égide de sua potência criativa e transformacional (...) (OLIVEIRA; GOMES, 2017, p. 101).

O corpo, assim configurado, é um local de agenciamentos no qual todos estes aspectos se convergem e se inter-relacionam. É um lugar não habitável e nunca alcançado no qual tomam expressão as práticas que se originam de dentro do sujeito e de fora, explicitando desta forma os excessos do poder que controla a população e busca governar o sujeito, moldando a sua subjetividade por meio da subjetivação que busca enquadrá-lo em diagramas de saber poder.

Neste trabalho, é pertinente entender a forma como toma expressão no corpo os modos de ação do biopoder em relação ao sujeito, especialmente no que tange aos cabelos, tidos como algo que vai além de um simbolismo racial, porém mais do que isso, a subjetividade.

Conforme discorrido, subjetividade pode ser compreendida como um agenciamento que se dá entre as técnicas de si e o saber poder e toma expressão no corpo. Percorrendo este caminho, será possível traçar a forma pela qual se dá a agência do poder que tem como o objetivo governar a vida, de forma singular, utilizar a sua funcionalidade para o cabelo como forma de controle e a imposição de um padrão oposto ao original.

Mas, sobretudo, este trabalho irá tratar as formas de si, mais do que a resistência, a insurgência a este controle da vida e da sua potencialidade, caracterizado pelo processo de transição capilar. Este processo se caracteriza como a subjetivação que se dá como forma de subverter estes diagramas estabelecidos e impostos historicamente, um movimento contrário ao enquadramento dentro do saber poder.

A mulher em transição capilar vai além do autoconhecimento e da resistência à uma subjetivação coercitiva. Esta mulher está em um processo de tornar-se a potencialidade de si mesma, esta potencialidade divergente de todas as outras porque é aquela que não é subjetivada pelo governo do saber poder ou por padrões pré-estabelecidos.

Desta forma, é possível subverter o controle da vida exercido no biopoder, resistindo ao enquadramento nos diagramas de beleza, à imposição do saber poder

e atingindo o potencial de ser. Reflete-se que este processo é contínuo e doloroso, uma vez que trata-se de insurgir a um poder altamente estruturado e institucionalizado, ainda assim, consideramos tal insurgência válida, pois é uma forma de libertação à sujeição que não apenas governa a vida, mas também a limita.

Capítulo 2

Cabelo como controle e resistência

O alisamento para a mulher de cabelos naturalmente crespos ou cacheados é como um rito de transição para a vida adulta, “alisar o cabelo era deixar de ser percebida como menina (a qual o cabelo podia estar lindamente penteado e trançado) para ser quase uma mulher” (hooks, 2005, p. 1).

Não se trata de uma escolha, no sentido de decisão diante de uma conjuntura, mas “alisar os cabelos seria uma sentença, ou seja, uma prioridade para o universo feminino como um ‘catalisador’ de inclusão social” (MATTOS, 2015, p. 40). Cabe ressaltar que, como o alisamento tem início no fim da infância, a menina ainda não desenvolveu totalmente o entendimento e a maturidade para compreender a situação na qual se encontra.

Porque alisar os cabelos? A complexidade que responde esta interrogação começa na distinção entre a característica dos cabelos crespo e liso, cada um deles remete a uma ancestralidade diferente.

O cabelo do negro, visto como ‘ruim’, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como ‘ruim’ e do branco como ‘bom’ expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introdução deste (GOMES, 2002, p. 3).

O cabelo crespo é o oposto do padrão branco, portanto, é tachado como “ruim”. Mas, não somente o cabelo, os demais traços que remetem à negritude seguem a mesma lógica, conforme corrobora Mattos:

É comum dizer que o cabelo crespo é um cabelo ruim. Historicamente, o corpo negro carrega o estigma da cor. Entre o que é ‘bom’ e o que é ‘ruim’, recaem sobre o corpo do negro todas as imposições do que é negativo. Ser negro no Brasil é ser condenado a um juízo de valor no qual a cor da pele e a textura do cabelo classificam o grau da discriminação (MATTOS, 2015, p. 40).

Por isso, o alisamento do cabelo crespo/cacheado é uma das formas de controle que são expressão de racismo. Ele reforça a percepção de que o que é relacionado ao negro é, essencialmente, “ruim”. Não se trata de algo novo, ao contrário, esta percepção foi editada e reforçada ao longo da história, argumento

utilizado para a defesa da escravidão no Brasil² e sobrevive até os dias atuais alimentando o imaginário de uma cultura racista, que associa ao negro conceitos como “sujo”, “ruim” e outros que não beneficia citar.

E vai além. Ao se submeter a procedimentos que danifiquem a estrutura natural e a saúde dos fios, “essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa auto-estima” (hooks, 2005, p. 2). O mais notável é o sincronismo entre a imitação e a interiorização do racismo, que move ao alisamento.

Desta forma, ele funciona como símbolo de adequação, “cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade” (hooks, 2005, p. 3). Estas expectativas socialmente aceitas não foram aprovados democraticamente, mas através de quem tem dominação nas relações de poder, nos âmbitos racial, político e econômico. A prova disto é que o cabelo liso, conforme visto anteriormente, possui a hegemonia mesmo que os brasileiros sejam característicos pela miscigenação, principalmente, de povos africanos. Acerca disto, Gomes (2002, p. 3) percebe dois padrões: “estamos, portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço”.

Apesar disso, é comum desvincular a conexão entre o padrão branco e o alisamento dos cabelos, assim afirma hooks.

Mesmo sabendo que as mulheres negras com cabelo liso eram percebidas como mais bonitas do que as que tinham cabelo crespo e/ou encaracolado, isso não era abertamente relacionado com a ideia de que as mulheres brancas eram um grupo feminino mais atrativo ou de que seu cabelo liso estabelecia um padrão de beleza que as mulheres negras estavam lutando para colocar em prática (hooks, 2005, p. 2).

Talvez, porque ignorar a profundidade do tema seja mais conveniente. É mais fácil estabelecer que se trata apenas da questão estética ou de economia do tempo ignorando toda a relação racial, política e o racismo envolvido. É fato que alisar o cabelo é mais fácil, seja por defesa, questão do tempo ou outro motivo.

² A escravidão no Brasil envolvia a conformidade das leis e estruturas de tráfico humano dos povos africanos. A primeira lei que iniciou o processo de extinção ao trabalho escravo se deu em 1850 e a Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, aboliu a escravidão em 1888.

Certo número de mulheres afirmou que essa é uma estratégia de sobrevivência: é mais fácil de funcionar nessa sociedade com o cabelo alisado. Os problemas são menores; ou, como alguns dizem, 'dá menos trabalho' por ser mais fácil de controlar e por isso toma menos tempo (hooks, 2005, p. 7).

O tempo é um fator importante. Segundo visto previamente, o objetivo que motivou a criação das técnicas de poder foi produzir e, nos relatos destas mulheres, o cuidado com si mesma, com seus cabelos e seus corpos é numa perspectiva de "toma tempo demais", considerada como desperdício de tempo. É como se na rotina moderna, entulhada de trabalho e necessidades de produção, o tempo fosse um bem precioso demais para ser investido no cuidado com o cabelo crespo que, portanto, deve ser alisado.

Assim, o cuidado consigo mesma e com seus corpos é percebido como menos importante do que a necessidade de produzir, como se o corpo fosse apenas uma máquina de produção ao invés de ferramenta da vida, digna de valor e investimento, tanto de tempo quanto de consideração.

O tempo é, ainda, um discurso de coação, no sentido de que perpassa a ideia a qual as mulheres alisam os seus cabelos em decorrência de certa pressa em produzir. E vai além, pois a facilidade atribuída aos cuidados para com o cabelo liso é o resultado de um conhecimento construído previamente acerca desse tipo de cabelo e corresponde, por sua vez, a não existência de conhecimento do cabelo crespo, numa tentativa de apagá-lo da realidade.

O alisamento é reforçado em diferentes aspectos. De modo geral, é uma tentativa de "suprimir a consciência negra e os esforços das pessoas negras por serem sujeitos que se auto definem" (hooks, 2005, p. 3). Isto é, suprimir a subjetividade dos indivíduos que possuem cabelos naturalmente crespos e cacheados através de processos químicos que promovam o alisamento dos fios, impondo um modo de ser que é introjetado a partir da negação do que lhe é nativo.

Um dos campos mais determinantes para essa imposição do modo de ser é a ciência. Ela funciona como a maior produtora e fonte de saber da sociedade e, em tese, deveria ser neutra. Mas, este não é o caso, conforme aponta Foucault (2015, p. 28) "Não há saber neutro. Todo saber é político (...) porque todo saber tem sua gênese em relações de poder". A ciência, portanto, é aliada a motivações próprias nas relações de poder, embora seja percebida pelo senso comum como sinônimo de verdade, no sentido de tradução exata da verdade. Portanto, segundo o autor (2015,

p. 39), a ciência disponibiliza “enunciados que são aceitos como cientificamente verdadeiros”, enunciados estes que são mutáveis.

Ora, vamos aos desdobramentos da ciência na relação de poder dos cabelos. Uma vez que não haja ciência sobre os cabelos crespos e cacheados, não haverá indivíduos com essa especificidade, pois não haverá saber acerca dos cuidados com suas texturas de fios; a alternativa decorrente é o alisamento. E, não existindo pessoas com esse tipo de textura, não será produzido ou difundido um saber dirigido aos cabelos crespos e cacheados. Seria um círculo vicioso, mas algumas estratégias de resistência são saídas possíveis, assim como será visto adiante.

No âmbito profissional o alisamento também é reforçado. Qualquer recomendação para a entrevista de emprego terá termos como “visual alinhado”, fazendo referência ao cabelo meticulosamente controlado. Vai além, assim como hooks (2005, p. 3) escreve sobre a importância da aparência do cabelo liso quando as mulheres procuram por emprego: “Estavam convencidas, e provavelmente com toda a razão, de que sua oportunidade de encontrar bons empregos aumentaria se tivessem cabelo alisado”. A ideia não explícita neste discurso predominante é que quem não tem a sorte genética de nascer com o cabelo liso deve, então, alisar. Se o “ser liso” não é uma opção, “parecer liso” é o que resta.

Há, portanto, a marginalização deste contingente de crespas e cacheadas. Uma vez que elas não consigam ter acesso ao mercado de trabalho, não terão condições de subsidiar a vida em seus aspectos básicos, tais como saúde, alimentação, educação, moradia, etc. Assim, de modo geral, no mercado de trabalho esse jogo de poder de ser ou não alisada possui implicações massivas.

Essa supressão se repete no núcleo familiar. “Com frequência, os adultos negros, os mais velhos, especialmente os pais, respondiam negativamente aos penteados naturais” (hooks, 2005, p. 4). O meio mais próximo evidencia a introjeção da imagem do cabelo crespo como “feio” ou “atemorizante”; a autora localiza-se como uma mulher que partilha dessa coletividade de crespas e cacheadas e analisa: “Nós tendemos a interiorizar esse medo. O grau em que nos sentimos cómodas com o nosso cabelo reflete os nossos sentimentos gerais sobre o nosso corpo”.

O que se interioriza é o olhar do outro. Não só um olhar, mas o olhar impregnado do padrão branco e de racismo; o olhar que julga e fere; o olhar que expressa ódio. Este olhar interiorizado, conforme revisado previamente, é dispositivo

de poder, no qual o indivíduo exerce “vigilância sobre e contra si mesmo” (FOUCAULT, 2015, p. 330).

Esta realidade foi construída desta forma por grupos e suas estratégias nessa relação de poder.

A realidade é que o cabelo alisado está vinculado historicamente e atualmente a um sistema de dominação racial que é inculcada nas pessoas negras, e especialmente nas mulheres negras de que não somos aceitas como somos porque não somos belas (hooks, 2005, p. 8).

Obviamente, tal situação não seria aceita sem resistência. E não foi. Assim como destaca Mattos (2015, p. 41) “os negros não aceitaram passivamente serem discriminados e subjugados”. A autora propõe o conceito de Afro-Diáspora como contraponto da dominação racial imposta pelos padrões brancos.

Inicialmente, é necessário definir o que estou denominando por Estética Afro-Diaspórica, desta forma: é o movimento em que homens, mulheres, homossexuais, transexuais, gays e também as crianças negras adotam variações para os seus corpos e cabelos criando e recriando penteados de matriz africana, usando e abusando do tamanho dos fios, formas e cores, assumindo sua corporeidade nesse contexto de mudanças sociais, lutas históricas e hibridismo estético (MATTOS, 2015, p. 41).

Gomes corrobora com esta capacidade de mudança, mas o seu pensamento é a partir da pedagogia do olhar de si mesmo em relação ao olhar do outro, mediado pela expressão do corpo negro.

Dependendo do lugar onde se desenvolve essa pedagogia da cor e do corpo, imagens podem ser distorcidas ou ressignificadas, estereótipos podem ser mantidos ou destruídos, hierarquias raciais podem ser reforçadas ou rompidas e relações sociais podem se estabelecer de maneira desigual ou democrática (GOMES, 2002, p. 5).

Como esta mudança pode ser gerada? Quais estratégias podem ser travadas nessa relação de poder que sujeita? Assumir a forma natural cabelos é um ato de resistência.

Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de

reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida (GOMES, 2002, p. 8).

Essa resistência pode ser observada ao longo da história, não se trata de algo novo. hooks (2008, p. 2-3) aponta os anos 1960, tempo no qual “penteados afros, principalmente o *black*, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e fora considerado uma celebração da condição de negro(a)”. Portanto, vai além da oposição ao padrão imposto, é a aceitação de si e uma comemoração e resistência da própria subjetividade.

As pessoas que somam esta resistência adotam mais do que um estilo estético, mas sim um posicionamento político. hooks (2008, p. 6) sensivelmente relata que, não raro, elas são julgadas por isso: “são consideradas, com toda razão, da antítese do alisamento, o que torna o seu estilo uma decisão política”.

Após tudo o que foi visto seria simplório estabelecer que o estilo de cabelo e a sua manipulação não estão intrinsecamente ligados à esta relação de poder traçada. De forma geral, pode-se denunciar o racismo como o maior destaque, caracterizando a afro-diáspora como uma decisão política. Neste sentido, corrobora Gomes (2002, p. 12) “a questão racial, em um país racista, sempre será política e ideológica, quer queiramos ou não, pois se contrapor ao racismo é se contrapor a práticas, posturas e ideologias. Exige posicionamento e mudança de comportamento”.

O posicionamento de tantas pessoas se faz notar como um grupo de indivíduos que compartilham características entre si e não se sujeitam a mudar a si mesmos para se encaixar no padrão dominante. Garantindo, assim, o que Mattos define como diversidade estética.

Na contemporaneidade, podemos vislumbrar um outro tempo, não menos racista e discriminatório, mas de uma diversidade estética mais contemplativa, em que principalmente se observa a insurgência dos cabelos crespos e naturais numa nova construção de estigma e pertencimento (MATTOS, 2015, p. 40).

A autora (2015, p. 50) também observa que, ainda que a motivação de tal posicionamento não seja o entendimento político, identitário ou a autodefinição, “essas mulheres terminam por somar o contingente de crespas e cacheadas o que invariavelmente influencia o senso comum a perceber essas presenças remetendo-os a um outro olhar”. Muitas vezes o que leva uma mulher a assumir os cabelos

crespos ou cacheados é restaurar ou preservar a saúde dos fios, visto que os procedimentos de alisamento causam diversos danos, desde quebra da fibra capilar à morte pelo efeito tóxico de ingredientes da composição.

No cenário brasileiro há, ainda, outro tipo de percepção sobre o crescimento do contingente de crespas e cacheadas. Se dá nos moldes de “moda” e é comum o discurso de que o cabelo crespo está na moda. Trata-se de uma grave simplificação de todo o processo de opressão, resistência e autodefinição que cada uma das mulheres que somam esta coletividade passou. Esconde, também, o contexto do racismo e a forma desigual por meio da qual o padrão de beleza toma expressão nos cabelos.

O processo de aceitação dos cabelos originais significa a aceitação da própria subjetividade. É mais gritante nos casos em que há a transição capilar³, visto que essas mulheres recorreram à procedimentos químicos para se enquadrarem no padrão hegemônico e, depois, fizeram o movimento contrário, ao assumir a sua subjetividade.

³ A transição capilar é o processo que acontece quando o cabelo que, antes submetido à químicas alisantes periodicamente, passa pela interrupção destas químicas. Por cessar o alisamento, uma divisão visível ocorre na estrutura dos fios, entre o alisado e o naturalmente crespo. É frequente o corte da parte alisada do cabelo, o que resulta na adoção dos cabelos curtos.

Capítulo 3

Metodologia das análises

A pesquisa proposta neste trabalho é de natureza qualitativa, realizada em dois objetos resultantes da mesma postagem, realizada no dia 31 de dezembro de 2017, no *Facebook* da marca “Tô de Cacho”: vídeo e comentários. A postagem faz parte da segunda temporada da série “Mulheres Em Transição”, na qual 8 episódios foram postados regularmente, todos eles em formato de vídeo, nos quais as mulheres relatavam as suas histórias pessoais sobre a transição capilar e a forma como este processo afetou suas vidas.

Não seria viável produzir a análise de toda a temporada da série, portanto a escolha do episódio se deu pelo parâmetro da visibilidade, isto é, o episódio analisado foi o que possuía o maior número de visualizações de toda a temporada.

O episódio escolhido sofreu a delimitação temporal dos comentários e do vídeo no dia 25 de agosto de 2018, pois foi necessário estabelecer uma data limite pelo caráter de intangibilidade e efemeridade dos sites de redes sociais, a exemplos de que uma determinada postagem pode ser excluída ou, ainda, as métricas de visibilidade, engajamento e influência podem mudar a qualquer instante. Assim, as capturas de tela dos comentários utilizados como recurso de apoio para a análise foram realizadas no dia 25 de agosto de 2018.

Os comentários analisados foram, ao todo, seis. O critério de seleção se deu pelo maior número de reações disponibilizados pelo site de rede social, compostos por “curti”, “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “grr”. Estas reações implantadas pela equipe do *Facebook* permitem que os usuários expressem suas emoções relativas aos conteúdos dos comentários, o que é muito relevante para o objetivo deste trabalho por possibilitar a identificação de quais discursos encontraram apoio dos outros usuários.

Esta seleção se deu no dia 21 de outubro e o espaço entre as data foi para permitir que, com mais tempo, os discursos fossem melhor filtrados pelos próprios usuários. Pois, no dia 25 de agosto o número de reações dos comentários estava no mesmo padrão, ou seja, com uma quantidade similar de reações, o que prejudicava a seleção do *corpus* de análise.

A análise do episódio foi feita por meio da realização de análise fílmica, a qual pode ser definida como:

Analisar um filme não é mais vê-lo, é revê-lo e, mais ainda, *examiná-lo tecnicamente*. Trata-se de uma outra atitude com relação ao objeto-filme, que, aliás, pode trazer prazeres específicos: desmontar um filme é, de fato, estender seu registro perceptivo e, com isso, se o filme for realmente rico, usufruí-lo melhor (GOLIOT-LÉTÉ; VANOYE. 2006, p. 12, grifo dos autores).

Ainda de acordo com os autores (2006, p. 15), a análise de um filme significa “decompô-lo em seus elementos constitutivos”, o que resulta em “um conjunto de elementos distintos do próprio filme”. Penafria (2009, p. 1) corrobora ao detalhar essa decomposição em “conceitos relativos à imagem (fazer uma descrição plástica dos planos no que diz respeito ao enquadramento, composição, ângulo,...) ao som (por exemplo, off e in) e à estrutura do filme (planos, cenas, sequências)”.

Esta fase, segundo Goliot-Lété e Vanoye (2006, p. 15), é seguida por uma outra, a qual consiste em “estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo: reconstruir”. Destaca-se o papel do analista, que “traz algo ao filme”, uma vez que a atividade de analisar também revela muito acerca de quem a realiza. Ainda assim, há um princípio legitimador: “partindo dos elementos da descrição lançados para fora do filme quando da reconstrução, a fim de evitar reconstruir um outro filme”.

Penafria (2009, p. 7-9) propõe alguns pontos para a realização da análise: levantamento das informações; decomposição da dinâmica da narrativa, isto é, por meio de “sequências e/ou por cenas”; pontos de vista, nos sentidos “visual/sonoro”, “narrativo” – a pessoa que conta a história, os acontecimentos e as ações – e “ideológico”; decomposição plano a plano da principal cena do filme; conclusões, que apontam “grau de envolvimento que um filme permite ao seu espectador” e “uma qualificação do realizador ou do filme analisado”.

Goliot-Lété e Vanoye (2006, p. 37-51) corroboram ao indicar a análise dos “componentes do plano”, dentre os quais a duração, ângulo, enquadramento, profundidade de campo, entre outros; das “sequências” em parâmetros fílmicos e de roteiro; dos “perfis sequenciais”, que dizem respeito ao número, duração, encadeamento e ritmo; da diegese, termo que “designa a história e seus circuitos”, isto é, o conteúdo; da “enunciação fílmica”, que não possui caráter humano, mas

pode ser assimilado à narração, desde que o filme seja narrativo; das “relações entre sons e imagens”, descritas como “som *in*”, “som *fora de campo*” e “som *off*”; por fim, do “ponto de vista e ponto de escuta”, o primeiro referente ao visual, narrativo e ideológico, o segundo qual é a fonte do que se pode ouvir e se o personagem e espectador “ouvem a mesma coisa”.

Ainda segundo Goliot-Lété e Vanoye (2006, p. 52) a produção da análise requer criticidade quanto à interpretação, remetendo à “atitude do analista que estuda por que e como”. Isto é, se perguntar: qual é o sentido produzido? e como ele foi produzido? a busca pela produção do sentido deve guiar o analista, que desta forma consegue extrair mais sentido por meio da análise.

Desta forma, as impressões, emoções e intuições podem servir como um suporte primário para a análise, mas devem ser averiguadas posteriormente “por um verdadeiro processo de *análise*” (GOLIOT-LÉTÉ; VANOYE, 2006, p. 14-18). O analista pode ser caracterizado como “espectador-analista”, visto que “tem de entrar numa relação correta com seu objeto”, isto é, “não se deixar dominar”. Cabe aqui o bom senso, o qual pressupõe certo distanciamento e criticidade quanto ao processo de análise.

Um suporte importante neste tipo de análise é tirar capturas da tela, “já que permitem fixar algo movente, as imagens de um filme” (PENAFRIA, 2009, p. 7). Há, porém, a condição de que “deverá ser criada uma numeração que possa estabelecer um laço efectivo com o filme do qual foram retirados”, pois só assim se caracteriza as capturas do objeto como instrumento de trabalho.

Penafria (2009, p. 4) observa que a análise fílmica deve “ser realizada tendo em conta objectivos estabelecidos a priori e que se trata de uma actividades que exige uma observação rigorosa, atenta e detalhada a, pelo menos, alguns planos de um determinado filme”. Sendo assim, os objetivos devem ser correspondentes tanto às características específicas do filme quanto às necessidades que demandaram a produção da análise.

De modo geral, o processo de analisar um filme consiste em duas etapas: a desconstrução, a qual equivale a descrição, e a reconstrução, equivalente a interpretação. A segunda etapa da análise fílmica, neste trabalho, será elaborada por meio da análise de discurso.

A análise de discurso, segundo Caregnato e Mutti (2006, p. 680), “tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação”; portanto, a análise de discurso suporta perfeitamente o formato de vídeo, visto que ele produz sentidos a serem interpretados.

Além do uso da análise de discurso na fase de interpretação do vídeo, o segundo objeto de pesquisa também seguirá essa metodologia. Ou seja, os comentários serão analisados de acordo com a análise de discurso para garantir a melhor unidade da pesquisa.

Não há a necessidade de que tudo no discurso seja analisado, tampouco é obrigatório analisar tudo o que aparece no *corpus* da pesquisa. Desta forma, pode haver a delimitação dos comentários componentes ao processo da análise, desde que haja critérios na seleção de quais comentários serão analisados. Corroborando com Caregnato e Mutti (2006, p. 682), pois as autoras escrevem que “na AD não é necessário analisar tudo que aparece”, por causa da rica quantidade de marcas de discurso, de modo que podem “ser selecionadas poucas marcas linguísticas para interpretação”.

No âmbito da análise discursiva há interdisciplinaridade, ou seja, este método foi formado a partir de diversas áreas de conhecimento, o que resulta em variadas ramificações:

Por esta razão é difícil falar em ‘discurso’ ou ‘análise do discurso’ como uma entidade simples ou como uma abordagem uniforme de procedimentos de investigação. A designação análise do discurso será, assim, melhor compreendida como um “guarda-chuva” que cobre uma larga amplitude de abordagens com diferentes origens teóricas e conseqüentemente diferentes enfoques metodológicos (AZEVEDO, 1998, p. 107).

Mas, Azevedo (1998, p. 107) escreve que as diversas abordagens da análise de discurso direcionam para o ponto em comum da “ideia de linguagem/discurso como um meio não transparente e não neutral para descrever e analisar o mundo social”. Assim, de modo geral, as diversas metodologias da análise discursiva também possuem um objetivo em comum.

A ideia central em toda a ‘investigação discursiva’ é assim a de salientar as formas em que a linguagem constrói, regula e controla o conhecimento, as relações sociais e as instituições, e de examinar as formas pelas quais as pessoas utilizam ativamente a linguagem na

construção do significado da vida cotidiana (AZEVEDO, 1998, p. 107).

A fim de que a metodologia da análise de discurso fosse condizente com a base teórica deste trabalho houve a seleção da abordagem escrita por Foucault. Tal abordagem enxerga o discurso como contendo uma materialidade transitória, porém uma duração que ultrapassa quem o proferiu:

(...) uma mesma inquietação: inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de suportar lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades (FOUCAULT, 1996, p. 8).

Portanto, na perspectiva do autor o discurso é exterior ao sujeito que o pronuncia, sujeito o qual se torna o porta voz de um discurso já existente e a continuação desse mesmo discurso. A instância de produção deste discurso seria a sociedade, na qual “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos” (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Um dos princípios da proposta de Foucault (1996, p. 52-53) é a inversão, que se desdobra no reconhecimento de que, se a fonte e continuidade do discurso é fora do sujeito, não se trata da simples produção, mas sim de “um recorte e de uma rarefação do discurso”. Ou seja, como o discurso é exterior ao sujeito ele não se caracteriza apenas como produção de discursos, mas também como exclusão de discursos.

O princípio da inversão é muito válido neste trabalho porque o empoderamento e a aceitação dos cabelos crespo e curvaturas semelhantes, assim como a passagem das mulheres por uma transição capilar, implicam no reconhecimento de um discurso fora de si. Discurso o qual existe na sociedade e cuja a primazia é pela aceitação deste tipo de cabelo, sua ancestralidade e a resistência que isto implica. É a partir deste discurso e da sua interiorização, a qual designa que este discurso externo passe pelo sujeito, que é estabelecida a resistência diante de outros discursos, cuja primazia é a inserção dos sujeitos em diagramas do regime de saber que é a “estética alisada”.

A regra da descontinuidade é a segunda, trata-se do contraponto da inversão, pois a primeira nega a existência de uma infinidade de discursos. Ambas não são em relação de exclusão, porém se corroboram, uma vez que “o fato de haver sistemas de rarefação não quer dizer que por baixo deles e para além deles reine um grande discurso ilimitado”. Por isto, os discursos são “práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 1996, p. 52-53). Uma vez que os discursos são produzidos socialmente, embora sejam diversos, não são infinitos.

O terceiro princípio é o da especificidade, ele assegura que o discurso não tenha a sua análise banalizada, ao indicar que não há a fixação de “significações prévias”, as quais reduziriam o processo de análise a mera decifração. Deve-se, então, levar em conta a especificidade do discurso bem como o contexto em que se situa. Além disto, deve-se “conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade” (FOUCAULT, 1996, p. 53).

A quarta regra é a exterioridade, a qual reconhece o discurso como tendo significado e ideia em si mesmo. Isto se desdobra em um processo regressivo, segundo o autor, em começar “do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade” e chegar nas “suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras”. Assim, a partir do discurso se pode chegar ao âmago das condições que o geraram, explicitando o padrão ao qual tal discurso pertence e a forma pela qual ele foi construído (FOUCAULT, 1996, p. 53).

Por tudo o que foi visto, a análise discursiva embasada em Foucault se enquadra plenamente no tipo de pesquisa aqui necessária, tanto aplicada nos comentários quanto no vídeo derivados da postagem.

Obviamente, o que a análise realizada revela sobre a sociedade é limitado por um ponto de vista sobre o mundo. A exemplo disto o vídeo, por meio da análise fílmica, apresenta um recorte de mundo que não pode ser confundido com o todo do mundo real, mas o filme apresenta um recorte específico da realidade, neste caso as mulheres em transição é o que interessa ao tema deste trabalho.

Em um filme, qualquer que seja seu projeto (descrever, distrair, criticar, denunciar, militar), a sociedade não é propriamente *mostrada*, é encenada. Em outras palavras, o filme opera escolhas, organiza elementos entre si, decupa no real e no imaginário, constrói um mundo possível que mantém relações complexas com o mundo real: pode ser em parte seu reflexo, mas também pode ser sua recusa (...) (GOLIOT-LÉTÉ; VANOYE, 2006, p. 56).

E o filme pode ser um reflexo do mundo real no sentido de que é um recorte dele, no qual algo que ocorre neste mundo real é explicitado. Assim, há o recorte da realidade que será enquadrada no filme, isto é, a escolha de um discurso específico diante de todos os discursos possíveis.

Também, porque cria a possibilidade de que um discurso específico seja demonstrado por meio de um condicionamento e plataforma – neste caso, a página de rede social da marca – para que alcance um público mais amplo.

Ainda, porque é por meio deste discurso recortado que outras pessoas reconhecem e transformam a si mesmas de indivíduos para sujeitos, através de processos de resistência que se caracterizam não apenas como a aceitação do cabelo crespo como, também, investir em uma transição. Cabe dizer que a transição capilar marca um processo que vai ao oposto do que o sujeito seguia antes, pois passa de um certo governo da vida gerenciada pelo poder que sujeita para o governo de si.

Os autores escrevem que mediante a análise fílmica se conhece a realidade da sociedade na qual ele foi produzido, uma vez que “um filme sempre fala do presente”. Mais uma vez, isto só ocorre se o posicionamento do analista estiver correto, assim a sua motivação será “interrogar o filme, na medida em que oferece um conjunto de representações que remetem direta ou indiretamente à sociedade real em que se inscreve” (GOLIOT-LÉTÉ; VANOYE, 2006, p. 55).

Portanto, a análise fílmica possibilita adquirir mais sentido ao seu conteúdo, expandir o conhecimento acerca da sociedade na qual ele foi produzido e satisfazer a demanda institucional que ocasionou tal análise, por meio das atividades de descrição e interpretação.

Cabe ressaltar que a interpretação por meio do processo de análise de discurso foi preferida pelo contexto geral do trabalho, que problematiza as relações de poder as quais tomam expressão nos cabelos, bem como a hierarquia estética social e historicamente construída de modo a formar a hegemonia do cabelo liso e alisado. Convém, ainda, expor que não há uma formulação acabada para a

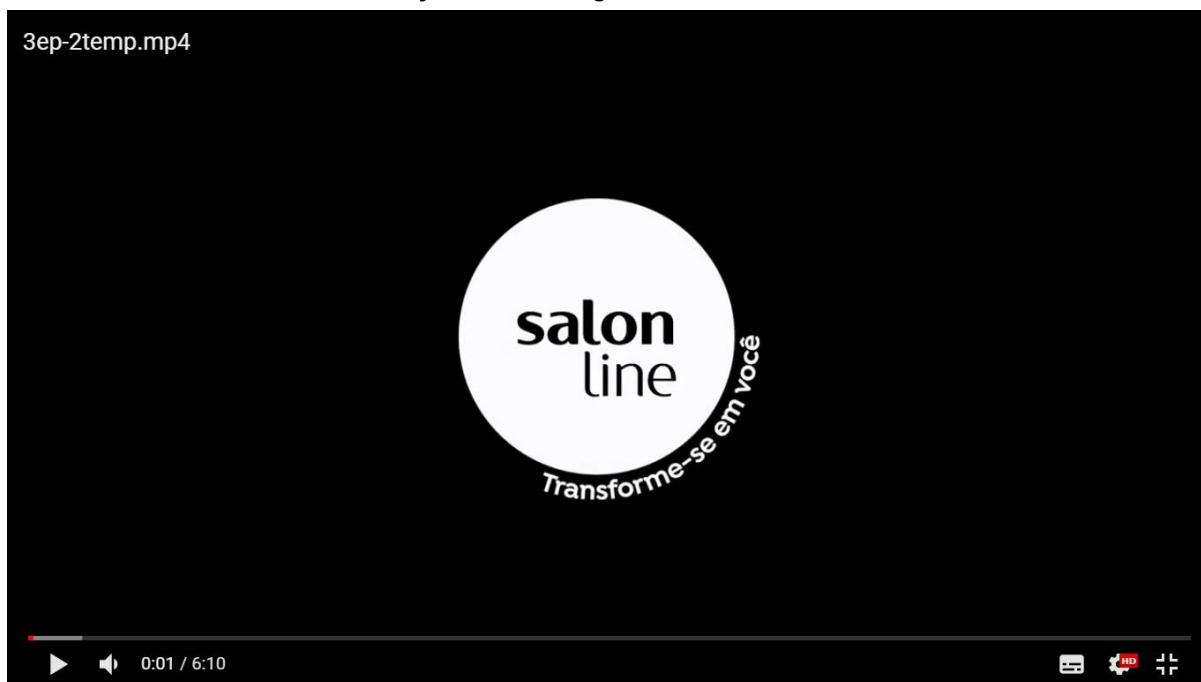
produção de análises, todas as possibilidades são propostas passíveis da especificidade da produção em si.

Acredita-se que não exista uma análise melhor ou pior, o importante é que o pesquisador conheça as várias formas de análise existentes na pesquisa qualitativa e sabendo suas diferenças, permitirá uma escolha consciente do referencial teórico-analítico, decorrente do tipo de análise que irá empregar na sua pesquisa, fazendo sua opção com responsabilidade e conhecimento (CAREGNATO; MUTTI. 2006, p. 684).

3.1- Análise fílmica do vídeo

O vídeo começa com a tela em preto e o logo da “Salon Line”, com a frase da marca: “Transforme-se em você”. O som off da voz da mulher, em sua fala diz que as pessoas começaram a dizer que o seu cabelo era bonito. A tela continua com o fundo negro e surge a palavra “apresenta”.

Figura 1- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o logo da “Salon Line”.



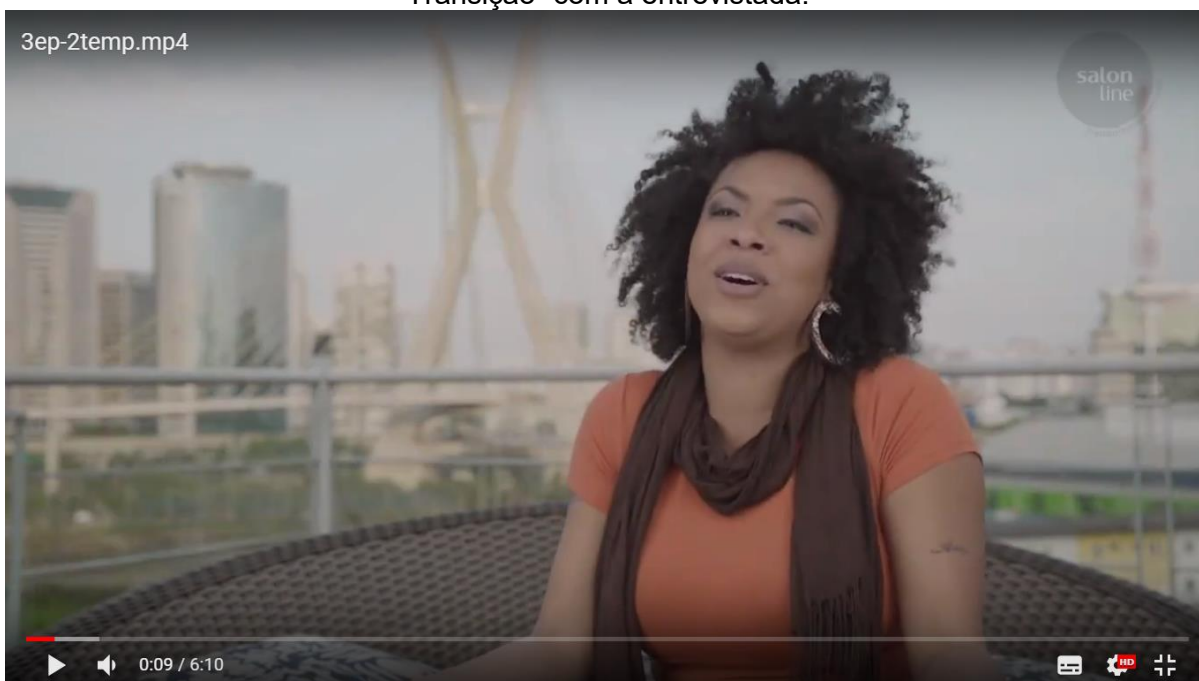
Fonte: da autoria da pesquisa.

Isto explicita a marca como idealizadora, produtora e expositora do episódio, responsável por todo o trabalho realizado. Neste primeiro momento o foco é a marca “Salon Line” e a mulher que empresta a sua voz para narrar a história não é

especificada, tampouco personalizada. Trata-se de uma mulher, sem nome e sem aparência. Poderia ser qualquer mulher.

A mulher aparece na tela, em plano médio frontal com ângulo normal, ou seja, a tela possibilita a visão da cintura para cima com a altura da câmera no nível dos olhos. A composição visual é constituída por a mulher no primeiro plano, o banco no qual ela está sentada no segundo, a estrutura do prédio no terceiro e a paisagem urbana como último, conforme a figura 2 explicita. Aqui, a voz da mulher é em som *on screen*, uma vez que a fonte do som está visível na tela.

Figura 2- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com a entrevistada.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Ela diz que, disfarçada de elogio, vem a ideia de que este cabelo está “na moda”. O dispositivo de “raça”, enquanto na moda, produz a separação entre os tipos de cabelos tidos como belos, aceitáveis, e os que não se enquadram nestes diagramas. A separação realiza a valorização de alguns tipos de cabelo de curvatura enrolada em oposição ao apagamento de outros tipos de cabelos pertencentes a esta mesma curvatura. É uma forma de utilizar a resistência aos diagramas de beleza de cabelos lisos e alisados – neste caso os cabelos crespos e afins – como uma nova forma de diagramas de beleza – neste caso a valorização de apenas alguns cabelos crespos e cacheados específicos, como por exemplo, os cachos

definidos e o *black power* volumoso, e os que não se encaixam nesses diagramas sofrem o processo de apagamento.

Trata-se de identidade porque, conforme revisado previamente, o conceito pressupõe certa estabilidade na forma de ser, marcada, ainda, pela diferença entre um sujeito e os demais. A identidade é uma forma de sujeição em que o biopoder produz diferença entre os indivíduos da população, agência esta que é validada na noção de que garante o funcionamento da sociedade. Assim, ao ser ligada à Shirlena a identidade de mulher negra também lhe é ligado o cabelo crespo.

A mulher questiona isto, afirmando que não se trata de moda e sim de “ser mulher”, “ser nortista”, “DNA” e “pigmentação”. No momento em que a mulher fala sobre a pigmentação há o uso do plano detalhe em sua mão, a qual dá batidas de leve em seu braço, evidenciando o fato de que cabelo crespo não é moda, mas sim uma expressão da sua identidade e da sua resistência. A figura 3 possibilita a visualização deste momento.

O uso deste enquadramento é uma forma de edição fílmica que corrobora com o que a mulher fala neste momento. Portanto, há o reforço de que o cabelo crespo não é moda, de forma que esta é uma postura adotada dentro do recorte o qual vídeo realiza sobre a realidade.

Figura 3- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” que expressa o cabelo como subjetividade.



Fonte: da autoria da pesquisa.

O discurso de que os cabelos *black power*, crespos, cacheados e semelhantes estão na moda é frequente e, por conseguinte, passa a ideia de que é um visual adotado de forma temporária. Pois, uma vez que a moda é passageira, é válido usar este cabelo enquanto estiver na moda, mas, quando tal moda passar, deve-se mudar os cabelos. Trata-se da legitimação temporária desta forma de ser, com o seu tempo de validação restrito à duração de um modismo.

Este discurso ignora completamente três fatos. Em primeiro lugar, o cabelo não é um adereço que deve, obrigatoriamente, ser moldado conforme o modismo atual. Pois, a moda realizou o apagamento dessas curvaturas de cabelos por tanto tempo e, ao haver o crescimento do contingente de crespas e cacheadas, a motivação de tal crescimento foi atribuído à moda. Assim, esses cabelos insurgiram apesar da moda e não por causa da moda.

Em segundo lugar, as mulheres que exibem esses cabelos não o fazem, necessariamente, segundo o olhar do outro ou o sistema de controle da população. Por vezes a adoção dos cabelos naturais é uma forma de resistir à sujeição moldada por padrões próprios. Caracterizando-se, assim, no que escreveram Oliveira e Gomes (2017), como a experiência de si, por meio da qual agenciamentos e resistências que se dão no corpo, local o qual convergem as esferas internas e externas.

Por último, ignora toda a complexidade das relações de poder exercidas no posicionamento de ser resistência a um poder que governa e enquadra em diagramas de beleza, bem como ignora a opressão, a dor e a insurgência diante desse contexto.

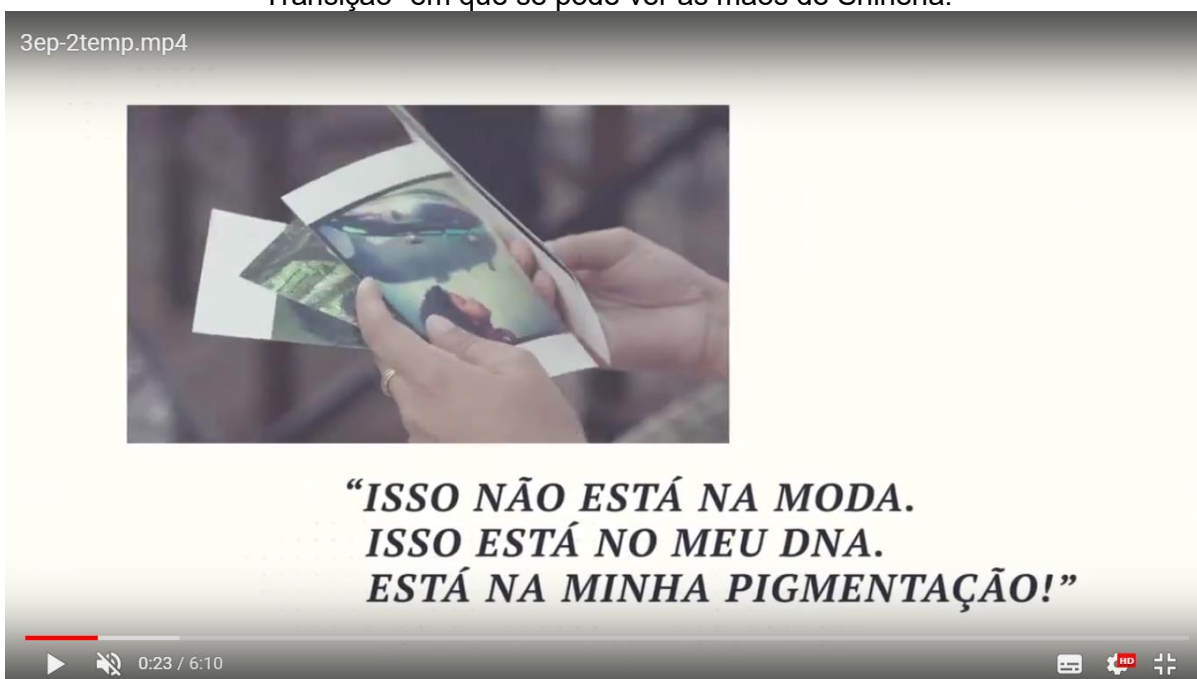
Cabe ressaltar que o logo da “Salon Line” permanece o tempo todo no canto superior direito, com a exceção da sequência produzida digitalmente, na qual são exibidos o nome da mulher, algumas citações de sua fala, fotos suas e quadros com vídeos seus com um fundo musical instrumental suave e alegre. Aqui, descobrimos que o seu nome é Shirlena e assistimos a imagens suas, uma de seu rosto em primeiríssimo plano e outra em plano detalhe de suas mãos segurando fotografias suas.

Figura 4- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” em que se pode ver Shirlena.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Figura 5- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série "Mulheres em Transição" em que se pode ver as mãos de Shirlena.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Há três aspectos pertinentes nesta sequência digital presente nas figuras 4 e 5. O primeiro é que esta parte do vídeo é sobre a Shirlena e não sobre a "Salon Line". Um indício disso é esta sequência ser a única parte de todo o filme na qual não está presente o logo da marca – a parte na qual é exibida o logo da série "Mulheres em Transição" não possui o logo da "Salon Line", mas a primeira

composição gráfica é subjacente à segunda, portanto pode ser caracterizada como mais um logo da “Salon Line”. Outro fator é que todos os elementos na composição visual da sequência dizem respeito à esta mulher: os seus traços faciais, o seu nome, partes de seus enunciados, suas mãos e suas fotos.

Sabe-se que a série Mulheres em Transição pretende promover a marca, uma vez que é uma ação institucional de sua produção, exibida em suas plataformas, contendo a seu logo e nos materiais fílmicos aparecem seus produtos. Portanto, a sequência digital pode ser enxergada como a parte do vídeo na qual não possui a presença das duas personas, Shirlena e “Salon Line”, mas apenas a presença da mulher que relata sua história de transição.

O segundo ponto é que o nome de Shirlena não é dito em momento algum, apenas aparece na forma escrita nesta sequência. Esse fator produz a noção de que a sua história poderia ser a de outra mulher, elevando a capacidade de identificação com outras cacheadas, uma vez que o seu nome é, de certo modo, deixado de lado e o seu relato é o que é privilegiado dentro do vídeo.

Assim, uma sequência específica para Shirlena não significa, exatamente, a intenção de dar espaço a ela, a sua pessoa. Mas, sobretudo, a motivação de despertar empatia em quem assiste ao vídeo impulsionando assim interação, interatividade, engajamento e visualizações.

Em terceiro lugar, as falas de Shirlena ilustram o embate da relação de poder, no que tange os cabelos, e a linha de força caracterizada pela sua posição de resistência. Há uma estrutura de poder-saber ao redor dos cabelos de curvatura enrolada, que busca controlá-los e enquadrá-los nos diagramas de beleza, tais como o cabelo alisado. Em oposição a isso, há possibilidades de resistência, dentre as quais a adoção do visual de cabelos naturais.

Surge na tela o logo da série Mulheres em Transição. O fundo musical continua. As cores empregadas no logo da série são branco e preto e os seus significados psicológicos são força e pureza. O branco em contraste com o preto também faz referência às etnias, sobretudo a de pessoas negras.

As formas arredondadas transmitem conforto e aconchego e fazem alusão às curvaturas dos cabelos crespo e cacheados. O fio de cabelo que é ligado à cabeça imaginária do logo é característico da transição capilar, marcada pela divisão intensa entre a estrutura do cabelo modificada por produtos e técnicas de alisamento e a

original, naturalmente encurvada. Este mesmo fio de cabelo é um elemento estético na reconstrução dessa mulher negra, a qual faz experiências de si, desconstruindo-se e reconstruindo-se enquanto adquire suas experiências de vida.

A imagem possibilita o encerramento de uma cabeça com cabelos de visual *black power*. A tipografia utilizada é cursiva humanística com visual suave e floreado. Além da especificação do público de mulheres no título da série as formas arredondadas e o tipo da letra também possuem certa inclinação para a feminilidade. Tudo isso pode ser enxergado na imagem abaixo, a qual ilustra estes aspectos apontados.

Figura 6- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o logo da série.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Seguindo o filme pode-se perceber que a composição volta para a Shirlena, que está com uma postura corporal entristecida, olhando para baixo, com os ombros enrijecidos em linguagem de defesa, trata-se de um sinal de que as falas seguintes serão relatos de ataques coercitivos do biopoder com o objetivo de moldar as formas de ser de Shirlena. O enquadramento é constituído por plano médio frontal em ângulo normal. O logo da “Salon Line” volta a ser exibida no canto superior direito. A música, aqui, possui o volume mais baixo, permitindo que o foco sonoro seja a voz da mulher. Ela declara uma parte de sofrimento da infância, na qual sofria muitas

intimidações dirigidas aos seus cabelos. A sua fala alega que crianças não possuem discernimento ou “filtro”, de forma que reproduzem os discursos que escutam em seus núcleos familiares e próximos, neste último ponto há o primeiríssimo plano em seu rosto, plano este que enquadra dos ombros para cima. Volta para o ângulo normal frontal em enquadramento médio.

Este é um ponto importante, uma vez que ninguém nasce com racismo e preconceito, trata-se de posicionamentos aprendidos e adquiridos ao longo da vida e imputados por um dispositivo segregador do poder-saber. Esse sentimento e ação de ódio é a rarefação de um discurso adquirido, o qual é introjetado por essas crianças. O discurso do filme leva a esta reflexão, é uma ocasião do vídeo que instiga a análise social da ação do ódio e como ele se constitui. Quando a criança reproduz o discurso da sociedade na qual está inserida ela está sendo ensinada pelo dispositivo quanto à posição em que cada um dos indivíduos possui nesta mesma sociedade.

Quando Shirlena fala sobre um ato específico de intimidação o qual as crianças faziam com ela relacionado ao seu cabelo, há o uso do primeiríssimo plano frontal com ângulo normal em seu rosto, efeito que constrói a noção de proximidade, possibilitando ver melhor as suas expressões e intensificando a carga emocional do seu relato neste ponto, conforme se pode ver na figura 7.

Figura 7- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o primeiríssimo plano no rosto de Shirlena.



Fonte: da autoria da pesquisa.

No fim de sua fala, o enquadramento volta ao anterior: plano médio frontal normal. A sequência muda para um cordão onde estão presas diversas fotos de Shirlena, em diferentes fases da vida, com a adoção de diferentes cabelos, conforme a figura seguinte. A música se torna mais acentuada aqui. É a primeira de muitas pausas durante o relato de Shirlena, mecanismo que permite a melhor absorção de suas falas, por meio da ramificação delas, mas também gera um ritmo suave na história contada pelo vídeo, alternando entre momentos tensos e pausas de respiro.

A ação de falar, representada aqui por Shirlena, significa o sujeito produzindo uma verdade sobre si, instigado pelo próprio dispositivo de saber-poder. Pois, por meio da fala, o dispositivo colhe saber sobre os indivíduos, saber este que conserva o governo sobre esses indivíduos e possibilita, ainda, que as estruturas de funcionamento se modifiquem, adequando-se às novas formas de ser.

Figura 8- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com enquadramento em fotos de Shirlena.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Vê-se, na tela, o mesmo plano médio frontal e ângulo normal em Shirlena, o que significa que se pode vê-la da cintura para cima e o ângulo da câmera é no nível dos olhos de Shirlena. As suas feições denotam, ainda, tristeza. Ela fala sobre a

tentativa de sua família em protegê-la, realizando procedimentos de alisamento. A mulher enfatiza: “Eu queria ter aquele cabelo”, se referindo ao cabelo alisado.

Esta parte de sua fala contém o mesmo sentido visto anteriormente do cabelo como forma de controle e, sobretudo, o alisamento dos cabelos como forma de submissão, diante de uma sociedade que reage com agressividade e rejeição para com cabelos crespos e afins. Assim, alisar é um meio de fugir dessa violência, mesmo que seja por meio da emolduração da própria subjetividade e uma sujeição moldada de forma exterior, configurando um outro tipo de violência.

Sua enunciação passa para o desabafo sobre, com a idade de nove anos, levar uma chapinha consigo em sua bolsa, trata-se de uma estratégia para subjetivar-se frente ao dispositivo poder-saber. Neste ponto há, outra vez, o uso do primeiríssimo plano, recurso que possibilita visualizar melhor a Shirlena. E, mais do que isso, possibilita que, de certa forma, o espectador se sinta mais envolvido com a sua história.

Nota-se que esta técnica do primeiríssimo plano se repete, novamente, no momento em que há a fala sobre algum ponto do sofrimento na infância. Todas as pessoas já passaram pela infância, fase na qual se descobre a vida, se aprende, na qual há maior inocência, sensibilidade e vulnerabilidade diante das situações. Talvez, este seja o recurso que mais possibilita o despertar de empatia, identificação entre o enunciado de Shirlena e os espectadores, pois, não só mulheres e pessoas de cabelos crespos, cacheados e afins podem se identificar, mas qualquer pessoa, afinal todos passaram infância.

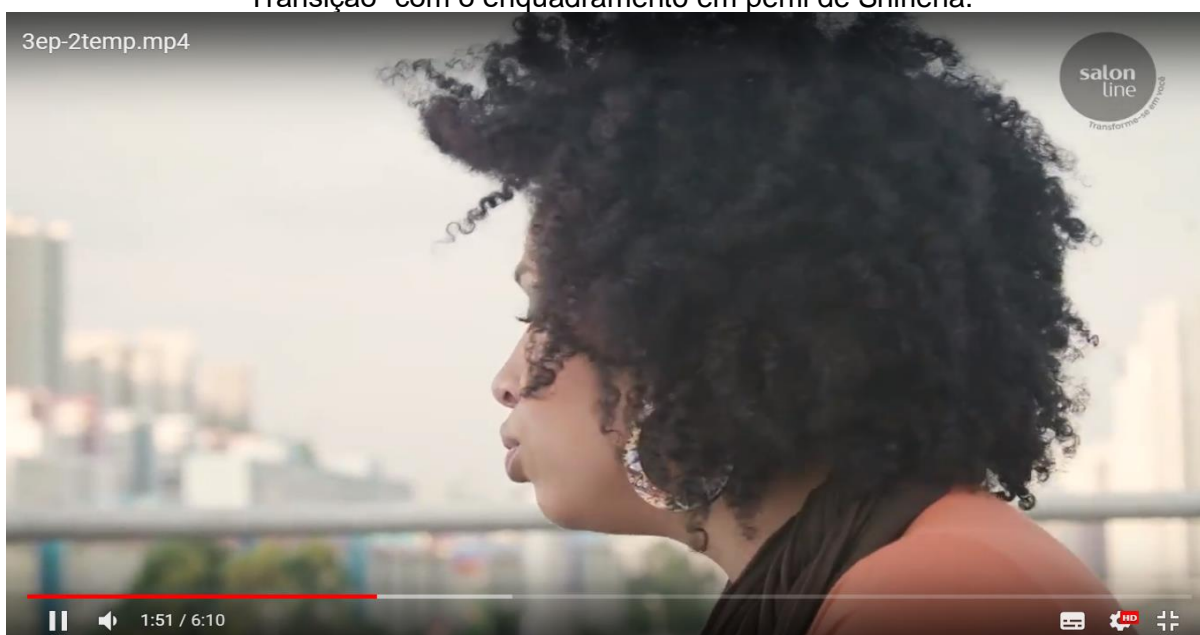
Assim, a possibilidade de envolvimento com o vídeo não se restringe ao contingente de pessoas que possuem os cabelos crespos, mas sim, se estende a todos que tiverem acesso a sua visualização.

O próximo ponto do filme pode ser considerado como planejado para atingir mais especificamente as mulheres de cabelos crespos, *black* e cacheados. É pouco provável que pessoas com outras características compreendam como é ser escravo de produtos químicos, a ponto de gastar todo o dinheiro, prejudicar a saúde e modificar a si mesma desta forma, se tornando tão dependente de produtos os quais possuem a capacidade de modificar as características dos cabelos.

Também expressa um certo contraponto à produtos que alisam, como uma espécie de crítica da Shirlena aproveitada pela “Salon Line” para denunciar os riscos

e prejuízos do uso de tais produtos. Não deixa de ser uma promoção à marca da “Salon Line”, pois é uma crítica aos seus concorrentes diretos. Trata-se da fala de Shirlena sobre o uso de produtos químicos, os quais causaram danos aos seus cabelos e prejudicaram a sua saúde. No momento em que diz que era “escrava de produtos químicos”, o enquadramento muda para o perfil em ângulo normal, pela primeira vez utilizado, ressaltando a ascendência negra, expondo melhor os cabelos e os traços deste fenótipo. Este enquadramento é a junção da localização da câmera, à esquerda, em cerca de 90 graus com o nariz de Shirlena e ao nível dos olhos, conforme a figura 9 ilustra.

Figura 9- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o enquadramento em perfil de Shirlena.



Fonte: da autoria da pesquisa.

É, ainda, uma lembrança da história do Brasil. Shirlena discorre que já foi escrava de produtos químicos, o uso da palavra escravo remete diretamente a escravidão no Brasil. Pode-se fazer uma comparação entre os nativos do continente africano que sofreram a escravidão – na qual eles eram brutalmente explorados e cativos – e a exploração da indústria de produtos alisantes, os quais se aproveitam desta parcela de pessoas que são alvo de tantas agressões ao longo da história, exploram a sua vulnerabilidade e lhes oferece uma suposta forma de defesa.

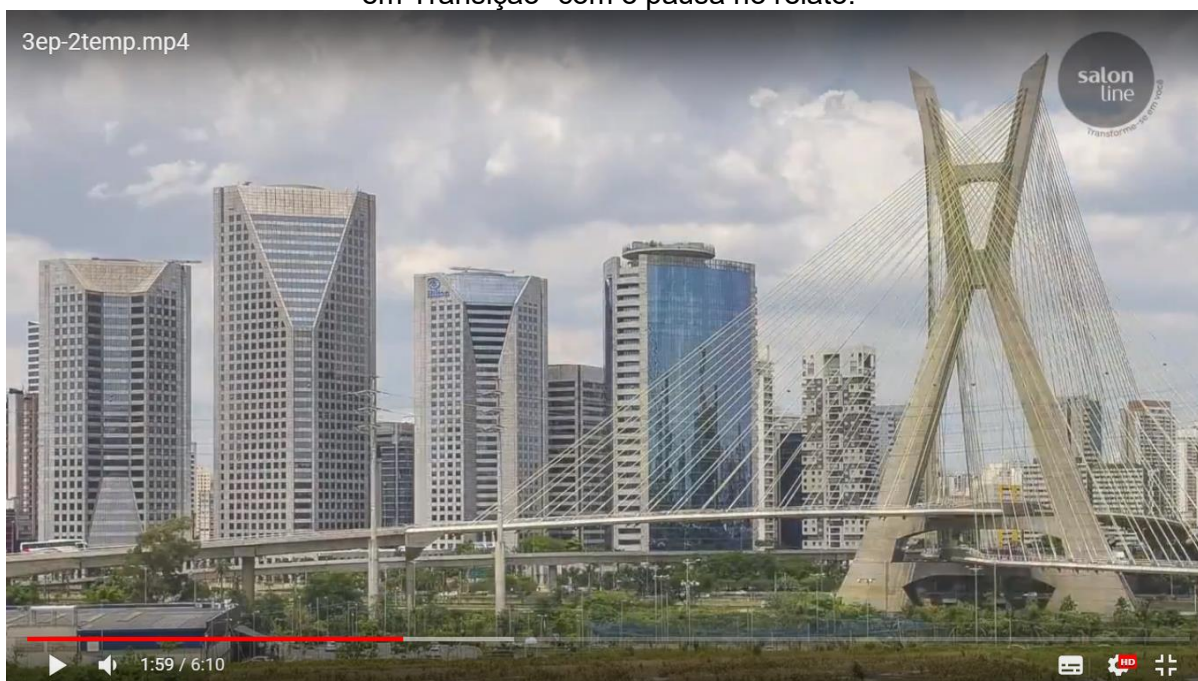
O dispositivo que pertence à estrutura de poder-saber produz os sujeitos “senhores” em oposição aos “escravos”, separa os lugares de cada um como sendo

a “casa grande” ou a “senzala”. Assim, este tipo de poder busca fixar uma identidade, estável, de forma coercitiva sobre o sujeito, configurando-o com uma identidade escrava por meio da escravidão da subjetividade.

O alisamento não configura uma solução, pois apenas reforça o discurso de que o original não é bom o suficiente, de forma que a sua modificação é o que é posta em voga. Os produtos de alisamento são uma corroboração para os diagramas de beleza, tão opostos ao natural, que impõem um padrão deformado o qual não representa o todo real. O alisamento corrobora essa separação, reforça esta estrutura de poder-saber que busca escravizar a subjetividade.

Ao final da fala sobre os produtos químicos surge o plano de paisagem da cidade, com seus prédios, pontes e ruas, como se pode ver na figura 10. Pode ser considerada uma pausa, para amenizar a carga emocional e impedir que ela se torne muito pesada.

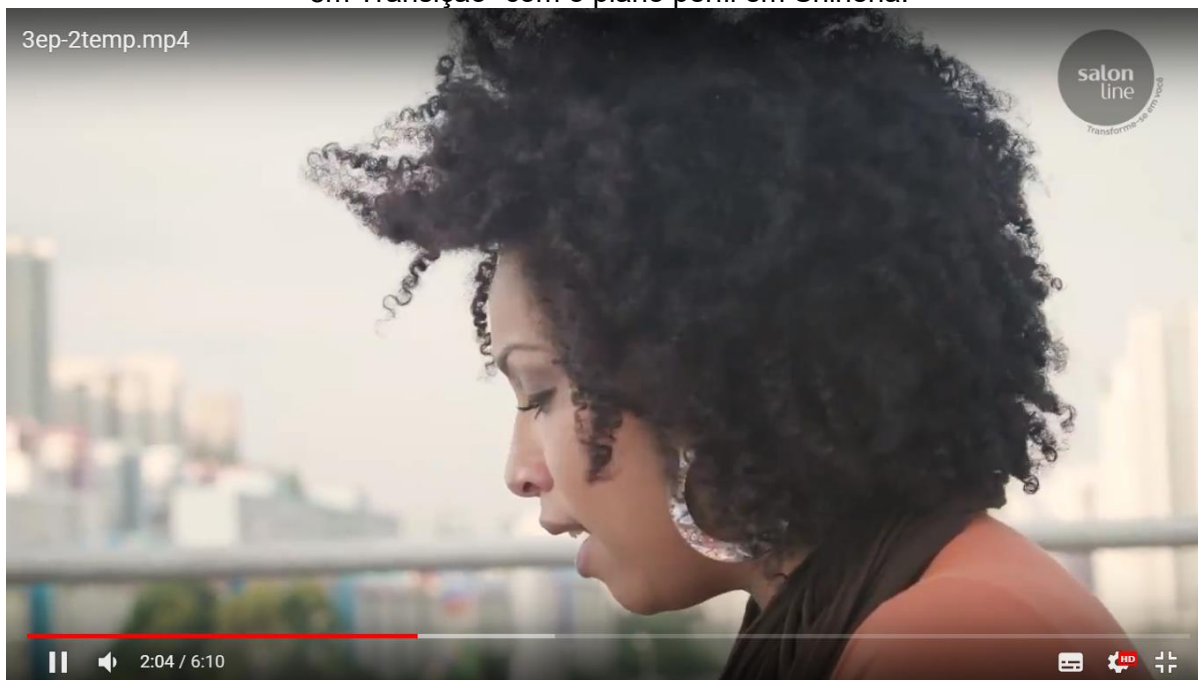
Figura 10- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o pausa no relato.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Quando a imagem volta à Shirlena, pela primeira vez, o plano não é médio normal, mas de perfil, conforme a imagem de ilustração. Essa mudança intensifica a fala da mulher, que diz a forma como começou a transição capilar: ela pesquisou na internet e decidiu fazer tranças nos cabelos, com a ajuda de suas amigas.

Figura 11- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o plano perfil em Shirlena.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Enquanto o plano está em Shirlena de perfil no ângulo normal, ela diz que a internet, na época, não disponibilizava o acesso a tantas informações sobre esse tipo de cabelo, da forma como é atualmente, expressa por ela como “maravilhoso”. Novamente, uma alusão à “Salon Line”, pois ela disponibiliza em seus sites de redes sociais e institucional diversos materiais que difundem o saber e os cuidados dos cabelos, nos formatos de vídeo, imagem, texto, etc.

Lendo nas entrelinhas do discurso sonoro aqui expressado, pode-se interpretar que a “Salon Line” é caracterizada por Shirlena como “maravilhosa”, por difundir informação e comunicação e permitir que o contingente de crespas, cacheadas e afins tenham acesso a este conteúdo.

O plano volta para o médio frontal com o ângulo normal. Quando Shirlena fala sobre o início da transição, período no qual adotou as tranças como penteado e deixou o uso de químicos alisantes, o plano volta para o primeiro plano perfil em altura normal.

Shirlena lembra que a transição capilar foi “um processo demorado”, pois teve vontade de fazê-lo, mas sentia insegurança e medo de não ser aceita “daquele jeito”. Porém, desejava se “libertar” e, aqui, há o uso de plano detalhe em seus cabelos, mostrando como seria o “daquele jeito” declarado por Shirlena, a saber, o seu

natural. O plano detalhe, como se vê na figura 12, abrange uma pequena parte do corpo, neste caso, o cabelo.

Figura 12- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com o plano detalhe nos cabelos de Shirlena.



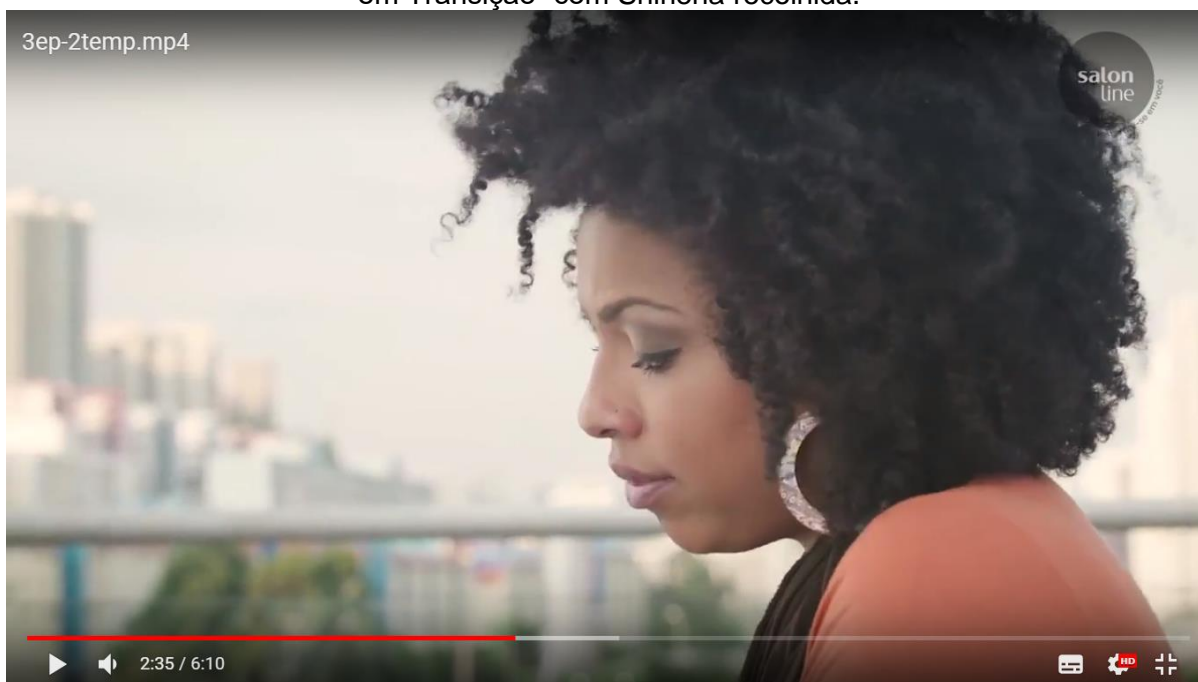
Fonte: da autoria da pesquisa.

A utilização do plano detalhe em seus cabelos exibe esta beleza original, se colocando como contraponto ao padrão liso descrito previamente. Assim, a linguagem do filme integra a postura comunicacional adotada pela “Salon Line”, de empoderamento dos cabelos e o bem-estar, passado pela ideia de consumo de seus produtos. A marca privilegia a percepção de que o uso de seus produtos e o cuidado com o próprio corpo geram nas pessoas a autoaceitação, liberdade em ser si mesma e autoconfiança em sua própria beleza.

O plano detalhe em seus cabelos passa gradativamente até ser possível ver parte de seu rosto, seus olhos. Então, volta para o plano médio frontal normal.

Shirlena diz que ligou para algumas amigas, disposta a fazer as tranças e ver como seria. Aqui, volta para o plano perfil, a linguagem corporal expressa um reflexo daquele momento narrado – a figura 13 permite visualizar os ombros tensionados recolhidos, a cabeça abaixada e o olhar inclinado –, exprimindo certo medo, certa indecisão e a disposição em mudar e aceitar os riscos.

Figura 13- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com Shirlena recolhida.

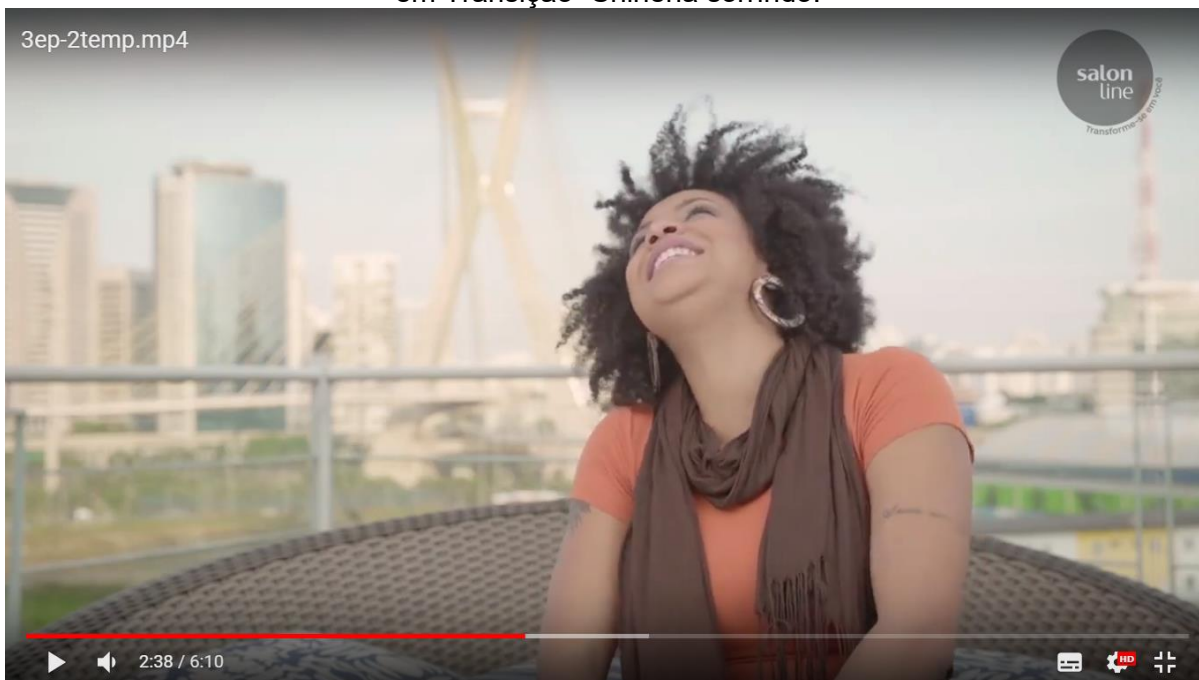


Fonte: da autoria da pesquisa.

Quando Shirlena diz “fiz”, referindo-se às tranças, o plano passa do perfil para o frontal. A transição do plano no momento exato da fala acentua a temática de transição capilar, marcada pela passagem do uso constante de alisamento para a interrupção de tais produtos.

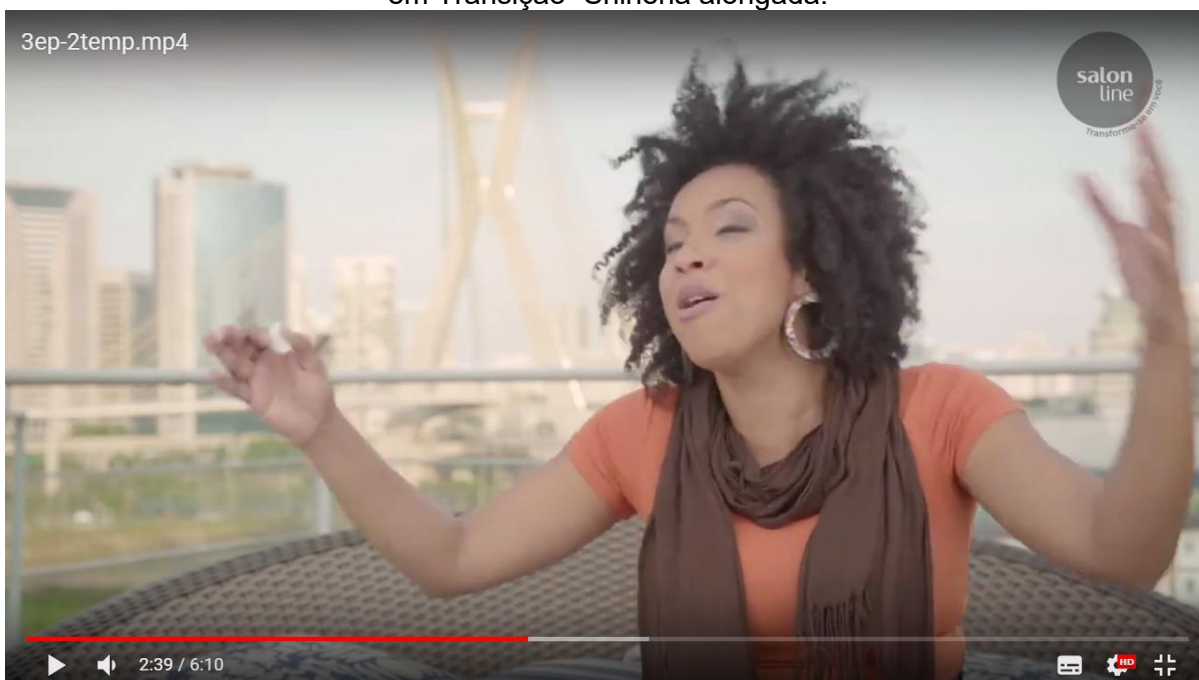
A narração do momento em que se viu com as tranças resulta numa mudança drástica das emoções expressadas; Shirlena diz “eu achei a coisa mais linda!”. A imagem de uma mulher acanhada e insegura se transforma, em poucos segundos, em uma explosão de alegria acompanhada por um alongamento corporal e um sorriso com a postura relaxada. A permanência do mesmo enquadramento médio frontal normal destaca, ainda mais, a mudança apenas em Shirlena. Segue tal sequência:

Figura 14- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” Shirlena sorrindo.



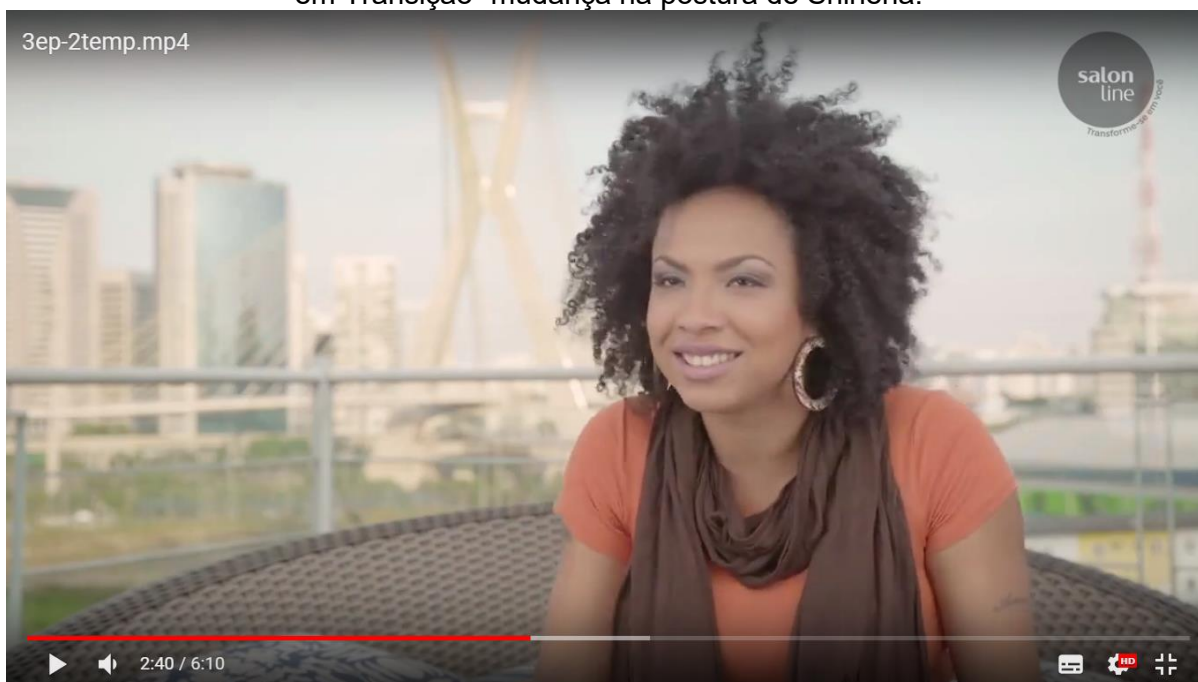
Fonte: da autoria da pesquisa.

Figura 15- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” Shirlena alongada.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Figura 16- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” mudança na postura de Shirlena.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Em sequência volta ao primeiríssimo plano no rosto, durante a fala sobre o desejo de raspar os cabelos ao tirar as tranças, representando um desejo de “renascer”. Em plano médio normal e frontal, Shirlena diz que, quando tirou as tranças, mudou de ideia em relação a raspar.

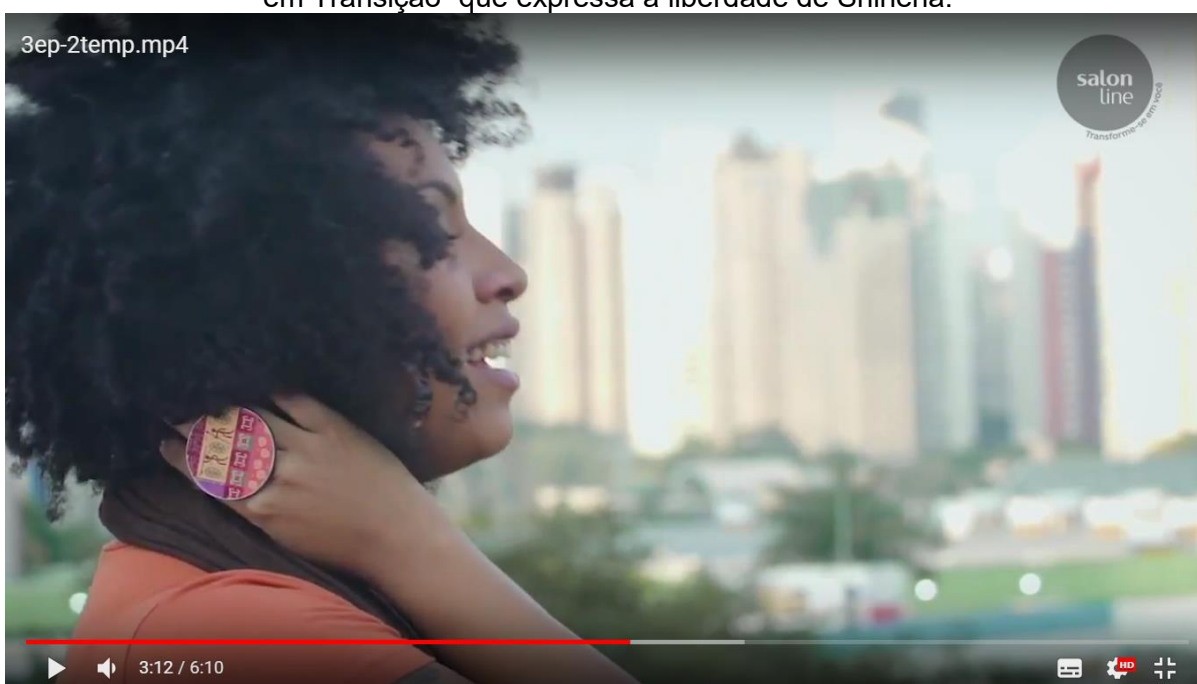
Em primeiríssimo plano frontal e normal ela diz que jogou todas as fotos de quando era criança fora, em desejo de se livrar daquelas memórias tão dolorosas do *bullying* e racismo sofridos. Assim, nem se lembrava de como era o seu cabelo original, pela idade tenra em que começou a fazer uso de alisamentos. Novamente há o uso de primeiríssimo plano no rosto – o plano que enfoca apenas uma pequena parte – numa fala sobre a infância, reforçando a hipótese de que este recurso serve para despertar empatia em quem assiste.

Shirlena sorri ao falar sobre quando tirou as tranças e cortou os cabelos, vendo-se com os cabelos naturais. Então, novamente o plano a exhibe de perfil, mas desta vez do outro lado e em uma composição diferente, composta pela cidade no fundo. O plano perfil se dá em primeiríssimo normal, isto é, se vê Shirlena de lado, dos ombros para cima com o ângulo da câmera no nível dos olhos, conforme se vê na figura 17. Este é o momento do vídeo que explicita a autoaceitação, a liberdade, a sujeição por técnicas de si mesmo. Expressa, ainda, a subjetividade produzida

pelo consumo da marca “Tô de Cacho”, no sentido de que os seus produtos são associados aos cabelos de curvatura enrolada e a sensação de bem-estar.

A “Salon Line” reforça, ao longo do vídeo, o emprego de recursos para despertar o posicionamento adotado por Shirlena, ou seja, a marca busca conscientizar para a adoção do posicionamento de transição capilar, bem como a sujeição por técnicas de si mesmo. Trata-se de um contraponto ao padrão liso de beleza e as implicações as quais ele desdobra, desconsiderando de forma intencional todas as outras formas de ser que não são esta.

Figura 17- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” que expressa a liberdade de Shirlena.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Volta para o plano médio frontal em ângulo normal. Agora o tema do enunciado é carreira profissional. Quando Shirlena diz que tinha os cabelos alisados e, portanto, era “aceitável para a sociedade” há o uso de primeiríssimo plano frontal normal no rosto, o que intensifica a ideia de que há na sociedade a racionalização que emprega hierarquias dentro dos ambientes de trabalho. Volta para o plano médio frontal, enquanto Shirlena relata “retaliações” de “pessoas” no trabalho – durante a fala destas palavras há primeiríssimo plano frontal normal no rosto – quando adotou as tranças. Não é possível saber se os seus superiores a confrontaram, se foram os colegas de trabalho ou ambos os grupos.

A questão de retaliações sofridas por Shirlena quando adotou as tranças denuncia a pressão sofrida por aqueles que se colocam contra essa hierarquia e as suas formas de governo. Trata-se de uma relação de poder exercida no ambiente profissional e a resistência a este governo é possível, porém difícil, pois implica dor, pressões e retaliações. O discurso do filme possibilita esta reflexão.

Volta para o enquadramento médio normal. Shirlena explica que durante o período de trabalho nesta empresa houve o processo de transição do cabelo alisado para as tranças e, por fim, para os cabelos naturais. Quando ela diz que, surpreendentemente, começou a ser mais aceita quando passou a usar os cabelos originais soltos, há novamente o primeiríssimo plano no rosto.

Vê-se aqui a resistência de Shirlena gerar mudanças no ambiente de trabalho. Conforme o visto previamente, as relações de poder estão em constante mutação e este é um exemplo prático de como a resistência pode mudar a forma como o poder funciona na busca pelo governo do indivíduo.

Volta para o plano médio frontal, durante o relato de uma ofensa sofrida: uma pessoa comparou o cabelo *black power* com esponja de lavar louças, incomodada e orientando a Shirlena que não adotasse este tipo de cabelo. A pessoa que tentou controlar a forma como Shirlena deveria se aparentar orientou para que ela fizesse “cachinhos” e hidratasse os cabelos, para fugir do aspecto desalinhado e ressecado, o qual o *black power* é criticado por aparentar.

A segregação de cabelos, não raro, estende o que é aceito socialmente do liso para o cacheado, mas não costuma chegar ao crespo e ao *black power*. Assim, é possível que seja aceitável perante a sociedade o visual cacheado, mas tal possibilidade, em geral, é baixa para o *black power*. Mesmo que esta expressão de cabelo tenha sido criada a tantas décadas, como bandeira de resistência, autodefinição e sujeição por técnicas de si, nos tempos atuais ainda é enxergada com mal olhos, por ser a antítese do biopoder no que diz respeito aos cabelos.

A postura de Shirlena diante disso foi não ser sujeitada ao controle dos outros, ela declara “eu soltei meu cabelo, eu soltei minha vida”, expressando a liberdade através de seus fios. E, ainda, não iria ser confrontada sem reagir. Respeitar a si mesma e a sua subjetividade, deixando os seus cabelos serem como eles são, todos os dias, é o que o discurso fílmico privilegia aqui.

Shirlena expressa a autoaceitação e as recusas em se submeter a padrões de beleza ou interiorizar o discurso de ódio do outro. É notável o que ela diz sobre o seu cabelo “ele tem vida própria, ele é a minha resistência”.

Surgem mais fotos de Shirlena penduradas em barbante, com diversos penteados e cores de cabelo e a paisagem da cidade ao fundo. O enquadramento é em plano geral e *contra-plongée*, o que significa que a câmera revela o cenário à frente com o seu nível baixo, porém, voltado para cima.

Figura 18- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com as fotos de Shirlena.



Fonte: da autoria da pesquisa.

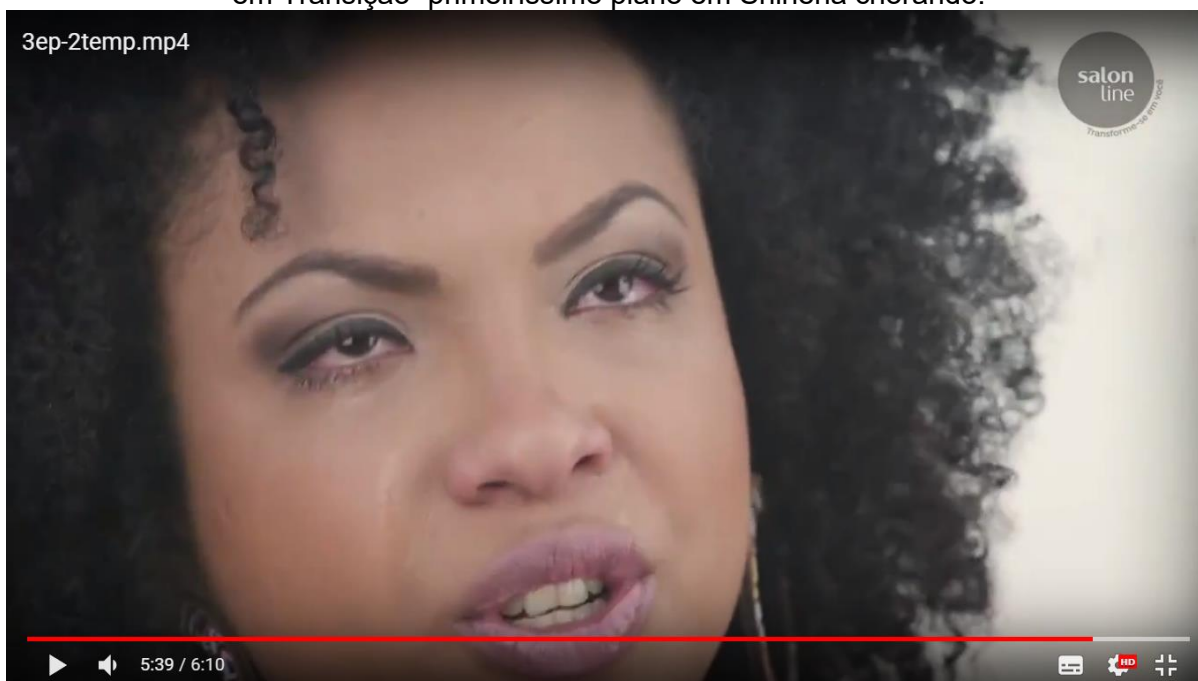
Shirlena relata que todas essas coisas que passou construíram nela uma “fortaleza”, porém afirma que tal fortaleza possui um aspecto negativo, uma vez que, segundo ela, a sociedade espera que a mulher negra seja sempre forte e não seja sensível. Ela ainda apela ao espectador ao afirmar que a mulher pode, sim, ser sensível, pois elas “choram”, sentem “dor”, “gritam” e as pessoas não sabem. Novamente em plano médio frontal normal, Shirlena diz que as pessoas não percebem e não se importam com a dor e sensibilidade deste contingente de mulheres. A sociedade apenas sabe que há uma história e que tal contingente é forte.

É uma parte respeitosa para com Shirlena e demonstra a sua dor de forma humana, sem sensacionalismo. Há o espaço no conteúdo do vídeo para que esta mulher faça o seu desabafo, fale sobre a sua dor e expresse a sua desaprovação sobre esta expectativa tão desumana de que ela seja sempre forte diante de todas as adversidades as quais enfrenta.

Em primeiríssimo plano perfil normal a mulher diz “a gente é um ser humano, que sofre, que sente dor”. Relata que já passou por diversas situações infelizes “por viver num mundo que segrega, que maltrata, por cabelo”. Durante esta fala, os planos alternam entre perfil e frontal.

Shirlena chora, ao dizer que seu cabelo não é “uma fantasia de carnaval” ou “uma escola de samba”. Há primeiríssimo plano frontal em seu rosto, molhado por lágrimas, como se vê na figura 19. Ela afirma que seu cabelo é a sua “resistência”, a sua “ancestralidade” e a sua “força”.

Figura 19- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” primeiríssimo plano em Shirlena chorando.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Este é o momento do filme com a maior carga de crítica aos diagramas de beleza e ao poder que é exercido sobre os cabelos como forma de controle, segregando por meio de uma racionalização injusta. É evidente, aqui, a dor desta mulher diante de tanta pressão imposta sobre ela com a finalidade de governá-la em

seu modo de ser e que se torna, ainda mais gritante, em sua resistência a este sistema.

Volta para o plano que segue as fotos desta mulher. É uma pausa de respiro para contrapor com a carga emocional do momento anterior e, ainda, para que o polo receptor processe melhor o conteúdo anterior do discurso fílmico.

Em enquadramento médio normal frontal, vê-se Shirlena comemorar alegremente ao receber uma sacola com o logo da “Salon Line”. Shirlena segura, em suas mãos, as fotos exibidas no plano anterior e o que se pode ver de quem lhe entrega a sacola são as mãos. A partir destas mãos há a personificação da marca produtora do vídeo e, pelo presente, caracterizando o ato de dar, conforme a figura 20.

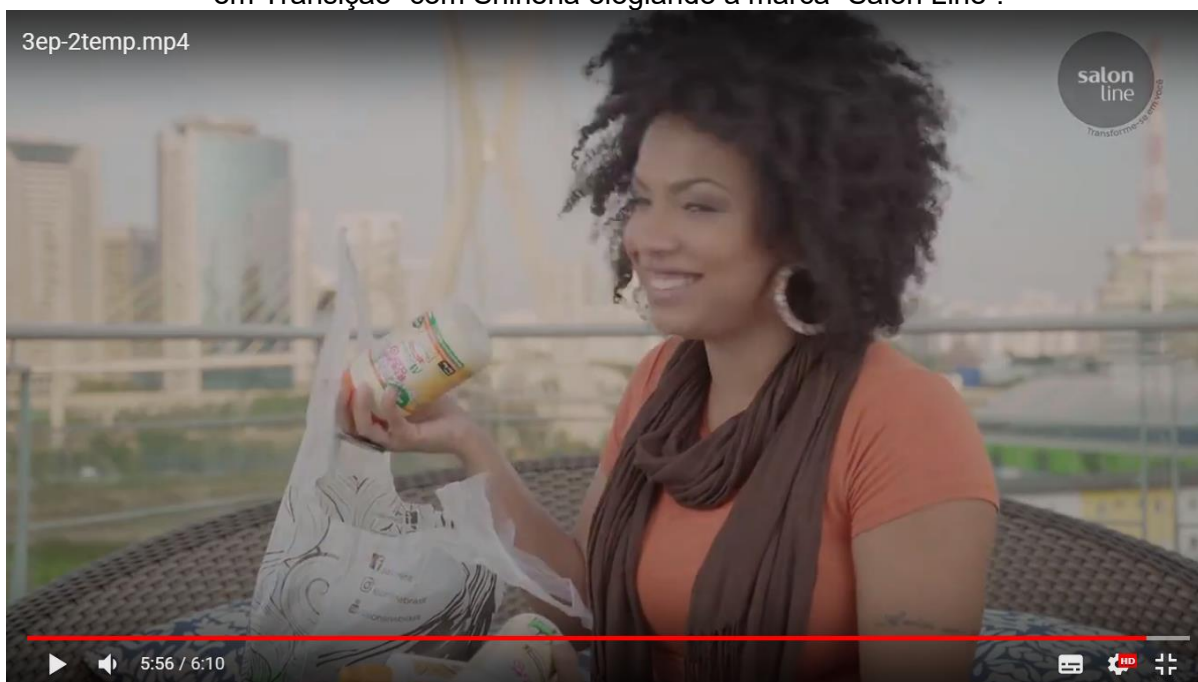
Figura 20- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com Shirlena recebendo produtos.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Trata-se de outro ponto de promoção da “Salon Line”. Além de incentivar a boa opinião dos públicos que acessarem o vídeo pela sua produção, o ato de dar agrega uma imagem de filantrópica. O elogio de Shirlena complementa tudo, caracterizando a marca de forma positiva.

Figura 21- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com Shirlena elogiando a marca “Salon Line”.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Shirlena recebe a sacola e, sorrindo, tira um produto de dentro, a figura 21 possibilita ver isso. Trata-se de um dos mais vendidos da marca, a Maionese Capilar, produto específico para cabelos *black power*, crespos, cacheados e ondulados. A mulher se vira para a câmera e diz “vocês são maravilhosos!”.

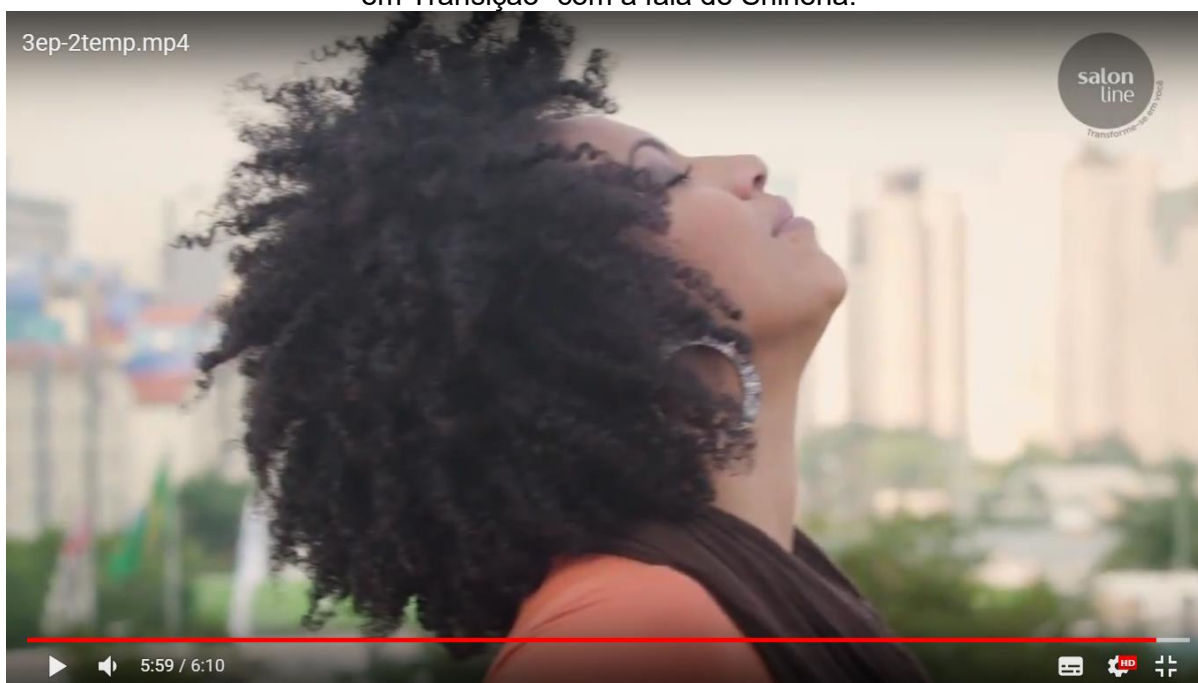
Novamente há a caracterização da marca como “maravilhosa” dentro do discurso expresso no vídeo, a primeira vez havia sido quando Shirlena se referia à disponibilidade atual de conteúdos sobre cabelos na internet. Assim, há a promoção indireta da “Salon Line”, de modo que a série “Mulheres em Transição” se configura como uma louvável ação para a marca, pois não é simplória como a propaganda paga e vai além da mídia espontânea, uma vez que faz a campanha para a marca exatamente de acordo com recorte realizado por ela, fazendo uso dos recursos que ela escolheu para despertar a boa opinião dos públicos.

É uma comunicação mais eficiente, pois é moldada pela organização e planejada especialmente para um público, de forma pela qual os objetivos certamente serão alcançados. Há momentos do filme em que um público específico é privilegiado em relação aos recursos empregados, mas, em geral, o que prevalece é o uso de técnicas para despertar a empatia.

O plano muda, outra vez, para o primeiríssimo plano em perfil lateral, altura normal enquadrando o rosto e cabelo de Shirlena. Aqui a sua boca não se move, mas ouve-se a sua voz dizendo “te joga, querida! Toma um banho, vai pra rua e vai arrasar que o universo é teu”. Isto é diretamente para o espectador, criando envolvimento com ele, como um diálogo entre Shirlena e quem assiste ao vídeo. Este recurso cria identificação e reforça a impressão de que não se trata de um filme mediado por uma tecnologia digital, mas sim de uma conversa presencial, com uma amiga íntima.

Tal noção de conversa informal é corroborada pelos planos utilizados em todo o vídeo, o médio frontal em sua maioria, o primeiríssimo plano com certa frequência e, com menor repetição, o plano detalhe. Já a altura, a câmera permanecendo sempre em ângulo normal para com o nível dos olhos de Shirlena, reforça a fisionomia de conversa e, ainda, denota certo respeito para com a mulher filmada e a sua história de vida.

Figura 22- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com a fala de Shirlena.



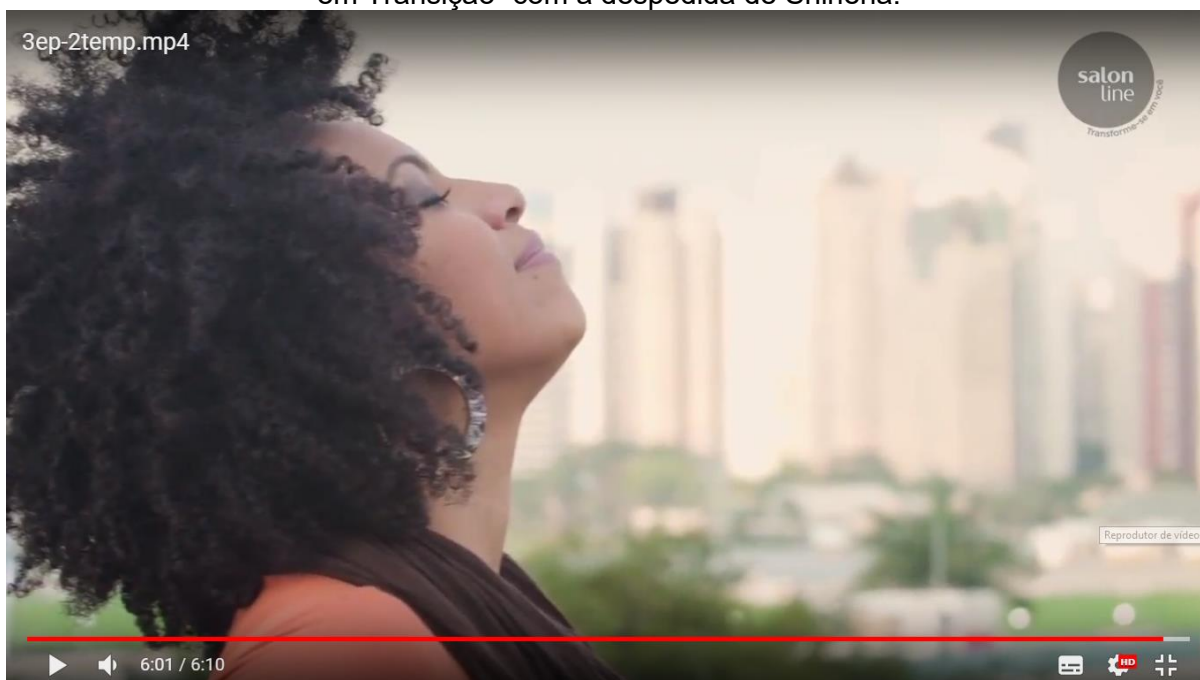
Fonte: da autoria da pesquisa.

Figura 23- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com Shirlena se movendo na tela.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Figura 24- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com a despedida de Shirlena.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Conforme se pode ver nas imagens 22, 23 e 24, durante a última fala de Shirlena o enquadramento não muda. Mas, o seu local na tela vai lentamente se movendo, do canto direito para o canto esquerdo.

É uma espécie de despedida, como se Shirlena estivesse sendo o centro do vídeo até este ponto e, então, fica para trás. O fim da fala de Shirlena marca, também, o fim do som instrumental o qual havia perdurado desde o princípio do filme; mais uma evidência de que o vídeo se aproxima ao fim, evitando a sua interrupção abrupta.

Shirlena conta a sua história ao longo de todo o filme, de modo que ela é a enunciatária, uma vez que este filme não é narrativo, mas de enunciação. Isto é, como apenas Shirlena fala durante todo o vídeo, a narração se torna personificada sobre esta mulher, portanto há a enunciação. A diferença básica entre enunciação e narração é que a primeira diz respeito à fala com um caráter humano e a segunda se refere à fala com caráter fílmico. O vídeo ser do grupo de enunciação gera a perspectiva de contação de história, a qual reforça a noção de conversa.

Figura 25- Captura de tela do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição” com a última imagem do vídeo.



Fonte: da autoria da pesquisa.

A figura 25 ilustra a última imagem que se pode ver no vídeo: a tela preta com o logo da “Salon Line” na cor branca, que permanece por cinco segundos. Trata-se da mesma imagem que se exibe no começo, a primeira de todas. Este efeito de repetição do logo na primeira e última imagem reforça a marca a cria certa unidade narrativa. O vídeo pode até ter tido Shirlena como enunciatária e protagonista, mas a

marca é a produtora e disponibilizadora deste episódio, o qual faz parte da temporada de uma série.

De modo geral, o discurso construído ao longo do filme possui dois aspectos: a promoção da marca e o empoderamento dos cabelos crespos. O primeiro se dá em pontos variáveis e contínuos, como a presença do logo da marca, momentos em que a sua persona é privilegiada e, ainda, o instante em que a sacola de seus produtos é entregue à Shirlena. O empoderamento dos cabelos de curvatura crespa e afins se forma de forma mais lenta, começando pela sua caracterização no início do vídeo, a experiência de sofrimento de Shirlena e a sua aceitação e valorização.

Em sincronia a valorização das curvaturas de cabelo enrolado há a instigação à resistência da subjetividade por meio de técnicas de si. Até mesmo o logo da “Salon Line” faz referência a isso, com a frase “transforme-se em você”. Um recurso, portanto, que se opõe à coercitividade do biopoder na construção da subjetividade, em torno dos cabelos, segundo o padrão liso. Mas, antes, impulsiona a forma de ser segundo as experiências de si, com o alvo de atingir a potencialidade de subjetividade cuja a principal característica é a liberdade.

3.1- Análise dos comentários

O primeiro comentário analisado contém um discurso que estende o preconceito sofrido com o alvo dos cabelos como além do racismo. A pessoa a qual formulou o comentário argumenta com as situações as quais sofreu preconceito ligados ao seu cabelo, levando em conta que se autodeclara como branca.

Este comentário é muito significativo para o conteúdo deste trabalho, pois, conforme o desenvolvido em sua extensão, a questão dos cabelos crespos e afins vai além da identidade, mas sim subjetividade. Não está, unicamente, ligada ao pertencimento racial, embora seja um traço visível da ancestralidade africana. Ou seja, há indivíduos com diversas aparências étnicas e cabelos desta curvatura, assim como traços de outros fenótipos, tais como europeus, asiáticos, etc.

O grau da aparência negra, no Brasil, corresponde ao grau de preconceito sofrido. Infelizmente, quanto mais sinais de negritude a pessoa possui, mais intensa é a violência dos tipos verbal, emocional, física, entre todos os outros, mesmo que

quase toda a população brasileira seja miscigenada e resultado de uma mistura entre negros, índios e europeus.

O comentário possui, ainda, o sentimento de identificação entre a pessoa que comentou e as mulheres entrevistadas na série. Esta identificação possui, possivelmente, duas razões complementares. A primeira é que, independente da miscigenação de fenótipos, há a característica comum entre essas mulheres, pois os seus tipos de cabelo são o que importa neste primeiro momento, visto que ambos os sujeitos compõem este contingente de crespas e cacheadas. A segunda razão é que há, no formato do vídeo, recursos de edição que proporcionam a formação do sentido de identificação, os quais foram verificados na análise fílmica.

Este primeiro comentário, por fim, expressa o desejo da mulher “branca” cacheada de que uma mulher “branca” com cabelos destas curvaturas fosse entrevistada na série. Pode-se perceber, aqui, o desejo da usuária do site de rede social em se sentir mais representada, no sentido de assistir a um episódio em que a entrevistada fosse ainda mais semelhante a ela.

Por outro lado, entra em contradição com o que ela declara anteriormente. Pois, se esta mulher de fato se sente reconhecida nas mulheres entrevistadas até então na série – a saber, negras de cabelos crespos e cacheados – não há a necessidade de que uma mulher branca de cabelos crespos ou cacheados seja entrevistada.

Assim, há certo racismo interiorizado por parte da mulher que comenta. Ela declara se sentir identificada pelas mulheres entrevistadas, mas ela mesma delimita uma distinção entre si mesma e estas mulheres.

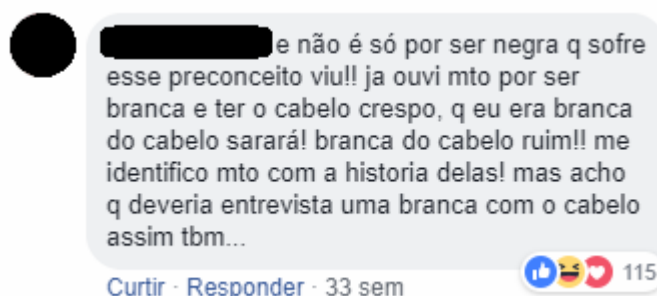
A declaração étnica, no Brasil, é uma questão muito complexa. Foi chancelado que o pertencimento a determinado grupo racial se daria por autodeclaração, ou seja, segundo o que a pessoa declara ser. Mas, em casos específicos, como o das cotas, cabe o recurso de punição para a falsa declaração, resultando na perda da vaga concedida. A investigação do caráter de falsidade se dá por uma banca de constatação, profissionais que constem no edital da instituição e as auto declarações anteriores do indivíduo, junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE⁴).

⁴ O IBGE é o órgão do governo brasileiro responsável por prover informações dos âmbitos social, demográfico e econômico.

Portanto, mesmo no caso das cotas, há uma certa deliberação social para a constatação da validade da autodeclaração racial, estando o pertencimento o qual o indivíduo declara condicionado ao pertencimento o qual outros indivíduos enxergam nele. O que cada indivíduo da sociedade enxerga enquanto pertencimento racial do outro está condicionado, por sua vez, a visão do mundo e valores pessoais.

É pertinente expor que, três episódios após o episódio no qual houve este comentário, foi postado na mesma plataforma e pertencente a mesma série “Mulheres em Transição” um episódio⁵ cuja a entrevistada poderia ser considerada branca, segundo os padrões sociais. A própria entrevistada, durante este episódio, diz que possui pai negro e mãe branca, porém não se autodeclara nenhum dos dois.

Figura 26- Captura de tela do primeiro comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.



Fonte: da autoria da pesquisa.

O segundo comentário que compõe o *corpus* da pesquisa é uma resposta ao comentário anterior. Ele é uma crítica ao discurso expresso no comentário formulado pela mulher que se autodeclara branca de cabelos crespos.

Esta resposta declara que a mulher seria negra. A pessoa assim o julga porque percebeu, na pessoa citada, traços de negritude, bem como o cabelo crespo. Entra-se, aqui, num juízo de valor: até onde vai o limite entre a imposição de uma etnia e a autodeclaração?

Um ponto é pertinente: o grau de traços de ascendência negra corresponde, de forma injusta, ao grau de preconceito sofrido. Não se trata de algo lógico, uma vez que o Brasil é um país com muita miscigenação de povos oriundos de diversas etnias e nacionalidades. Assim, é possível que cada um dos brasileiros tenha, em sua árvore genealógica, parentes negros e, portanto, tenha ascendência negra.

⁵ Disponível em <<https://www.facebook.com/todecacho/videos/1830239513715420/>>. Acesso em 7 de novembro de 2018.

O discurso expresso neste comentário defende que não há branco com cabelo crespo. Defende que há diversas tonalidades subsequentes da miscigenação da ascendência negra com outras ascendências e, por fim, critica que a autodeclaração de “branca com cabelos crespos” seria uma tentativa de fugir da identificação de ser negro. Cita, como exemplo, as nomenclaturas inventadas para camuflar a negritude, as quais são adotadas por pessoas que se autodeclaram desta forma.

Esta tentativa de fuga da caracterização de “ser negro” é, possivelmente, desencadeada por termos prejudiciais a negritude, conforme visto anteriormente, constantemente alimentado no imaginário e cultura social. É uma possível razão, inclusive, para que indivíduos de cabelos cacheados e crespos mascarem tal subjetividade com procedimentos de alisamento, penteados, etc.

De forma geral, a política brasileira, adotada até mesmo na declaração de etnia exercida pelo IBGE, defende a ideia de que uma pessoa só é negra se possui ancestralidade negra, caso se encontre em relação de pertencimento e se posicione desta forma. Assim, há a autodeclaração como diretriz fundamental, uma vez que o sentimento de pertencimento, além da ancestralidade, é essencial para a declaração de “ser negro”. E este sentimento só pode ser expresso pelo sujeito.

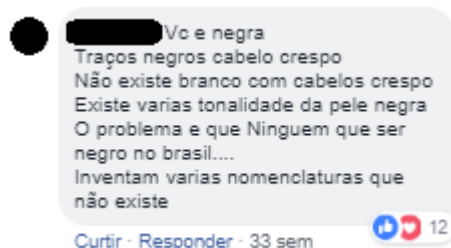
Assim, negro, de acordo com o IBGE, é a somatória de quem se autodeclara como “preto” e “pardo”. A ancestralidade corresponde aos fenótipos, as características visíveis, mas o pertencimento está ligado a fatores sociais, culturais e políticos.

Esta resposta declarar a usuária que formulou o comentário como sendo negra possui dois aspectos distintos. Em primeiro lugar, a repetição de um discurso social, o qual impõe etnias segundo a aparência das pessoas, como traços faciais, textura de cabelo e, neste caso específico, não somente a cor da pele. O outro aspecto é o embate entre a autodeclaração e esta resposta a qual, por sua vez, pode implicar a mudança de posicionamento étnico da outra mulher ou, ainda, a sua recusa.

De forma geral, declarar o outro como participante de determinada etnia é arbitrário, se o outro não se sentir pertencendo esta identidade. A etnia, de todo modo, parte de dentro para fora, tanto em termos de fenotipia decorrente da

ancestralidade quanto em termos do sentimento de identificação, embora ambos sejam construídos no meio social.

Figura 27- Captura de tela do segundo comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.



Fonte: da autoria da pesquisa.

O terceiro comentário também é uma resposta ao primeiro comentário analisado. A pessoa que o formulou expressa a sua crença na alegação feita pela crespas que se autodeclara branca: pessoas de cor de pele clara, que possuem cabelo crespo, sofrem preconceito.

Esta resposta afirma e reafirma a sua corroboração. Seria uma espécie de denúncia de preconceito sofrido por uma parte não tão expressiva do contingente de crespas e cacheadas, o que implicaria no não conhecimento de todo o contingente bem como o não reconhecimento do preconceito sofrido.

Mas, uma marca linguística revela algo mais. O usuário descreve, todas às vezes, a pessoa branca como “ariana”. O termo “ariana” é uma variante de *arya*, o qual vem do sânscrito e significa “nobre”⁶. A “raça ariana” foi utilizada como padrão por Adolf Hitler e os seus seguidores, os quais pregavam a existência de uma “raça” superior em termos de inteligência e físico às demais “raças”, que embasou a política nazista de extermínio de povos tidos como “não arianos” empregada, inclusive, nos holocaustos.

O próprio conceito de “raça” é ilógico, visto que não se pode definir seres humanos em termos de raça. Além disso, o termo “ariano” caiu em desuso, conforme o avanço da biologia e da ética ao longo dos anos. Porém, ainda há sujeitos que ignoram tais avanços e permanecem firmes à esta crença de uma “raça superior”.

⁶ Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-raca-ariana>> Acesso em 7 de novembro de 2018.

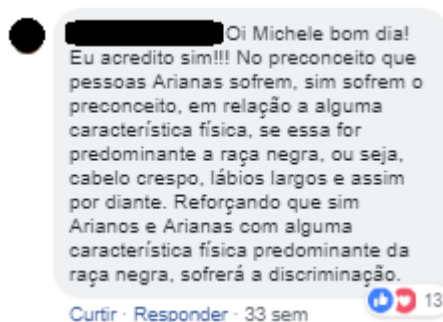
A escolha da palavra “ariana” por parte do usuário denuncia uma corroboração ao discurso adotado por Hitler e as ideias nazistas. Além disso, este usuário, em seu texto, sempre se referiu às pessoas negras como “raça negra”, o que demonstra o seu apoio ao termo segregador de seres humanos, o qual “raça” se caracteriza.

E, ainda, há, no texto construído, a naturalização do preconceito sofrido por “brancos” – nas palavras do usuário “Arianos e Arianas” – que possuem qualquer característica do fenótipo de negro. Ou seja, a negritude de um indivíduo, segundo o discurso do usuário, é razão para que ele sofra preconceito.

Isto corrobora, novamente, com o ideal nazista de que a miscigenação é “errada”, pois corromperia a “pureza da raça” com outra “raça”. Isto se traduz no ideal de eugenia defendido pelo nazismo, o qual proibia a miscigenação e designava os parceiros ideais para o casamento, a fim de garantir que a “raça” se mantivesse “pura”.

Outro traço linguístico no discurso deste comentário em apoio ao nazismo é a forma como emprega o verbo “sofrer”, no sentido de preconceito, no caso de quem possui fenotipia negra: no futuro. Na transcrição literal, se alguém possui fenótipo negro “sofrerá a discriminação”. A conjugação do verbo no futuro pressupõe ação, como se o usuário que formulou o comentário tivesse a intenção de praticar a discriminação para com os indivíduos com traços de negritude. Tal aspecto pode ser visto na ilustração deste comentário, que segue abaixo.

Figura 28- Captura de tela do terceiro comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.



Fonte: da autoria da pesquisa.

O quarto comentário, de acordo com o critério de seleção pelo maior número de reações, começa com um elogio. A pessoa declara ter apreciado a história contada no episódio da série de vídeos. Então, expressa o seu desejo em fazer 80

parte do projeto, argumentando que gosta de contar a sua história, a qual despertou em muitas pessoas a decisão de adotar a transição capilar.

Pode ser visto como uma tentativa da pessoa que comentou em integrar um episódio na série, ser entrevistada. Além de toda a visibilidade que isso implicaria e o sentimento de bem-estar em obter, por algum momento, a posição de celebridade, também seria positivo por ser presenteada pela marca produtora do “Mulheres em Transição” com diversos produtos, os quais são objeto de desejo do contingente de indivíduos que possuem as curvaturas do fio de cabelo enrolado.

O comentário, ainda, possui uma marca linguística de instituição, como se a pessoa que comentou fosse uma organização. Ela descreve que possui a missão de despertar as pessoas para a importância do resgate de identidade, fazendo alusão ao retorno das origens expresso pela aceitação e adoção dos cabelos.

Este texto construído pelo usuário possui um conteúdo semelhante ao comunicado pelos *digital influencers*, no sentido da construção de marcas pessoais e a disseminação dela por meio dos sites de redes sociais. Há dois aspectos marcantes: a pessoa como empresa e a pessoa com estilo de vida exclusivo.

O primeiro aspecto diz respeito a produzir e adotar coisas da área de administração de organizações, tais como missão, visão, valores, entre outros; também pressupõe a consulta, bem como o acompanhamento, de profissionais especializados na área de atuação do influenciador digital, que pode ser composta pela busca por profissionais como médico, dermatologista, relações públicas, entre outros.

O segundo aspecto é a exposição de uma personalidade exclusiva, seja pela exposição de opiniões, estilo de vida aventureiro, ostentação de uma posição social ou financeira ou outros fatores; o que é vital para que a celebridade digital construa influência sobre um ou mais públicos é a construção de uma personalidade exclusiva, com diferenciais.

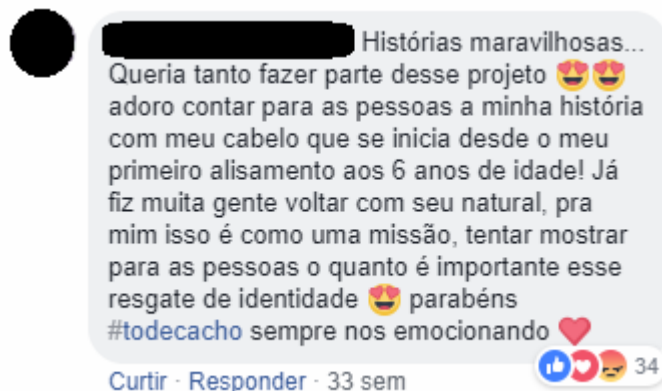
A expansão da internet e a consolidação de influenciadores digitais que possuem relevância não apenas nas redes sociais, mas em outras mídias incluindo a mídia tradicional, criou a noção de que uma pessoa anônima pode obter fama através do meio digital. Este comentário analisado reflete um pouco desta noção, tanto como a intenção de quem comentou em se tornar famosa deste modo.

Ao final do mesmo comentário há, ainda, a crítica positiva para com a marca “Tô de Cacho”. E, ainda que o logo e a persona que seja privilegiada no vídeo seja a “Salon Line”, a “Tô de Cacho” é recorrentemente associada como produtora da série, pois é o desmembramento da empresa que atua mais especificamente no ramo de produtos para cabelos crespos, cacheados e afins. Aliás, embora as páginas de ambas as marcas tenham veiculado a série “Mulheres em Transição”, o site de rede social da marca “Tô de Cacho” foi a plataforma em que houve o maior visibilidade e engajamento desta temporada da série.

Provavelmente o melhor resultado da série na plataforma da marca “Tô de Cacho” em comparação com a marca “Salon Line” se deu pela melhor segmentação do público, nada mais lógico do que a marca que leva cacho no nome se sair melhor em uma série sobre transição capilar.

Todos os aspectos e marcas linguísticas apontados podem ser visualizados na imagem capturada deste comentário, a qual corresponde a figura 29.

Figura 29- Captura de tela do quarto comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.



Fonte: da autoria da pesquisa.

O quinto comentário analisado expressa, além de elogio a história, identificação. A mulher que formulou o comentário se diz muito feliz com seu próprio cabelo, mas questiona a razão pela qual as pessoas se sentem no direito de ofender, opinar sobre como ela deve parecer e, no mais leve dos casos, validar a adoção dos cabelos naturais porque está de acordo com a moda atual.

No caso da ofensa, é recorrente e, conforme visto previamente, expressa-se no que pode ser visto como preconceito e racismo, e busca emoldurar a sujeição por

meio do enquadramento em diagramas de beleza. Diagramas os quais valorizam um determinado tipo em detrimento a marginalização de tantos outros.

É um espécie de poder que se exerce no corpo social, tantos olhares e opiniões os quais são ferramentas empregadas no controle da vida, de como usar os cabelos, como aparentar e como ser. A usuária relata, em seu comentário, uma das muitas ofensas a qual sofreu: lhe disseram que ela aparentava estar mais “limpa” por ter alisado o cabelo; pela lógica, trata-se de afirmar que os cabelos crespos e afins aparentam “sujeira”, um dos muitos adjetivos percorridos no tópico sobre os cabelo como forma de controle, relacionado à associação de conceitos pejorativos à este fenótipo.

A associação do cabelo crespo às ideias de “sujeira”, “ruim”, “malcuidado”, entre tantas outras, se consolidou ao longo do tempo na cultura e imaginário social. Ela embasa o cabelo como forma de controle, no sentido de que agregar significados desfavoráveis a este tipo de beleza implica em um movimento de gerar modificação em quem a possui. Em outras palavras, agregar sentidos ruins ao cabelo crespo e consolidar esta noção na sociedade resulta na pressão sobre quem possui esses cabelos para que os modifique, os padronize de acordo com o tipo como “bom”.

Uma outra marca linguística deste comentário é a denúncia dos brasileiros como tendo um comportamento de “racismo velado”. Dificilmente alguém declararia que é racista, mas são recorrentes as agressões físicas, verbais e emocionais a cor de pele e traços de negritude. É indiscutível que há racismo exacerbado no Brasil, mas diferentemente de outras nações, os brasileiros exercem o comportamento que reflete sua crença na superioridade de etnias de forma mais sutil, por meio de falas que se assemelham a elogios e conselhos.

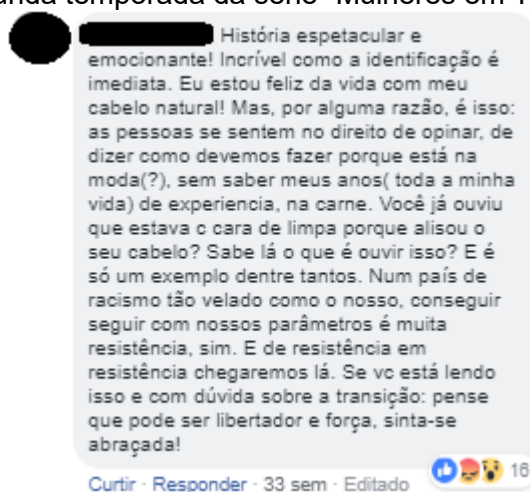
No exemplo denunciado neste comentário foi o racismo velado por um elogio, ao formular que a mulher parecia mais “limpa” porque estava com o cabelo alisado. No exemplo denunciado por Shirlena no vídeo foi o racismo velado por um conselho, ao recomendar que ela cuidasse dos cabelos e emoldurasse cachos para fugir do visual desalinhado do *black power*. Ambos os exemplos confirmam situações em que a distinção e hierarquias de traços de etnias é expresso, não de forma explícita, mas de forma sutil.

Vale, ainda, lembrar que o contingente de pessoas com os cabelos crespos, cacheados e afins vai além da identidade étnica, pois é a expressão de esferas internas e externas, caracterizando-se como subjetividade. Cabe a este trabalho desenvolver e pesquisar as formas pelas quais esta subjetividade é construída, em outras palavras, os processos de subjetivação que emergem no contexto das relações de poder sejam controlados por elas ou as subvertendo.

Diante disto, a usuária finaliza o seu ponto de vista instigando a resistência a este poder que usa o cabelo como forma de controle. Ela faz um apelo, com certo afeto, a quem está cogitando ou passando pelo processo de transição capilar, descrevendo que ele proporciona liberdade e empoderamento.

Essa instigação à transição capilar é uma forma de instigação à subjetivação por processos de si mesmo, pois é o oposto ao controle da subjetividade por um governo externo. A série “Mulheres em Transição” é, por si só, um modo de valorizar esta resistência, mas os relatos das entrevistadas, os comentários – em sua maior parte –, e o site “Me Ajude Na Transição”, que é de iniciativa da “Salon Line”, corroboram.

Figura 30- Captura de tela do quinto comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.



Fonte: da autoria da pesquisa.

O sexto comentário que compõe o *corpus* da pesquisa é uma história de vida repleta de emoção. Relata atos de preconceito sofrido pela usuária, contando com violência física e ofensa e a busca por procedimentos químicos de alisamento, os quais causaram grande dano ao couro cabeludo e a queda dos cabelos. Então, a usuária relata que, após essa situação, não fez uso de alisamentos.

Ela denuncia um caso no qual pregaram chiclete em seus cabelos e, o preconceito sofrido, é apontado como a motivação que a levou a realizar o alisamento. Assim, por uma pressão social exercida por meio de relações de poder acerca de seus cabelos, ela modificou a si mesma como tentativa de cessar aquela pressão, a qual lhe fazia tão mal. Nota-se, ainda, que o alisamento foi incentivado por uma pessoa do núcleo familiar.

Aqui retoma os diversos atores os quais participam desta relação de poder a qual controla o cabelo, tanto instituições e corpo social quanto a esfera familiar. Conforme o revisado anteriormente, os parentes frequentemente desempenham um papel fundamental na decisão de alisar os cabelos e, por vezes, tomam esta decisão pelo sujeito, nos casos em que a criança tem o cabelo alisado ainda na infância.

O papel do núcleo familiar é fundamental, uma vez que é a esfera a qual interfere mais diretamente nos valores incorporados e, portanto, agem sobre os princípios que irão orientar todas as tomadas de decisão. Shirlena, no episódio analisado, descreve que começou a alisar os cabelos ainda na infância por influência da família, a qual o fez na tentativa de protegê-la de sofrer preconceito. Aqui, o discurso do comentário corrobora no mesmo sentido, uma pessoa do núcleo familiar descrita como “mais velha” desempenha o papel de orientar a decisão de alisar, com o sentido de proteger. Trata-se de uma estratégia de branqueamento, a qual mascara o pertencimento étnico, pois tal pertencimento está relacionado principalmente ao tom de pele e textura dos cabelos.

No imaginário social os cabelos crespos e cacheados estão relacionados à etnia e não à subjetividade. Portanto, os traços de negritude são o que ligam o sujeito ao contingente de pessoas negras. E a modificação de tais traços são uma tentativa de não ser considerado como pertencente a tal contingente.

Assim, o alisamento é tido como uma escapatória do sofrimento, da pressão sofrida por estar fora do diagrama de beleza. E a ação de alisar representa uma defesa, submissão diante desta relação de poder, se adequando ao governo do cabelo. Trata-se da emolduração da subjetividade por meio do governo e pode ser considerada a forma menos conflituosa, pois não é tão difícil modificar a aparência dos cabelos, mesmo que haja o risco de danos à saúde. Mas, a resistência a este poder exercido é mais árdua, afinal implica embater diariamente com forças contrárias, embora haja a possibilidade de subverter esta relação de poder.

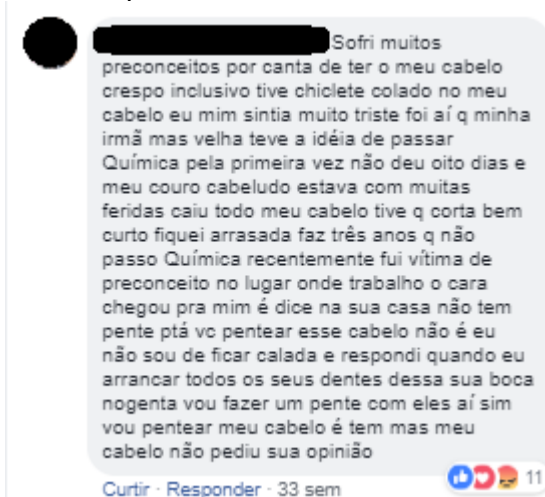
O comentário descreve, ainda, uma ofensa verbal sofrida por adotar o visual natural dos cabelos. As violências exercidas por meio do preconceito, incluindo ofensas, ferem não apenas o corpo, mas a dignidade dos indivíduos; sobretudo quando se trata de uma ofensa à subjetividade, pois agride quem a pessoa é. Diante disso, a usuária descreve que reagiu com agressividade à agressão e declarou não ter pedido a opinião que lhe foi imposta. É compreensível reagir ao ódio com ódio, mas não é uma resposta eficaz.

Um detalhe importante é que tal ofensa ocorreu no ambiente de trabalho. Assim, o indivíduo que agiu com preconceito poder ter sido um colega ou um superior, o fato é que ele constrangeu a usuária em seu labor. O ambiente de trabalho, preferencialmente, deveria ser um local de harmonia e respeito no qual o importante seria o desempenho nas atividades dos cargos. Mas, não raro, é denunciado como um dos campos onde o preconceito é mais visível.

Conforme visto anteriormente, hooks (2005, p.3) escreve que são maiores as chances de conseguir emprego para quem aparenta o cabelo liso. Assim, o preconceito já se inicia na hora da entrevista de emprego e continua, mesmo que o indivíduo seja contratado. Pode-se citar como exemplo, além do escrito no comentário da usuária, a ofensa sofrida por Shirlena no trabalho, situação na qual ela teve o cabelo comparado a uma esponja de lavar.

Tal história de preconceito e aspectos analisados podem ser visualizados na figura 31, correspondente a este último comentário.

Figura 31- Captura de tela do sexto comentário analisado da postagem do terceiro episódio da segunda temporada da série “Mulheres em Transição”.



Fonte: da autoria da pesquisa.

Considerações finais

Por tudo o que foi visto, pôde-se caracterizar o biopoder – que toma expressão nos cabelos – com a finalidade de gerir os sujeitos. Há diversas esferas e ferramentas as quais estruturam a agência desta relação de poder que molda, aos seus padrões, o processo de formação da subjetividade, no que diz respeito aos cabelos de curvaturas enroladas.

Nas análises se destacaram, sobretudo, a instituição familiar como fator determinante na adoção do alisamento por parte das pessoas as quais compõem o contingente de cacheadas e crespas. Este trabalho teve enfoque no público feminino, nas mulheres que exibem ou camuflam os cabelos crespos e cacheados. Assim, os familiares orientam para a ação de alisar os cabelos como uma tentativa de cessar as pressões sofridas, as quais servem como forma de controle, e modificar o alvo do preconceito seria uma forma de “proteção”.

Trata-se de uma espécie de pedagogia de alisamento empregada pela família, no sentido de promover o embranquecimento de suas crianças para que elas não sejam ligadas à identidade de pessoa negra, resultando assim numa posição social a qual é envolvida por discursos de poder-saber que buscam fixar uma forma de ser estável e relacionada a conceitos “ruins”. Claro, o poder não é apenas coercitivo. Ele, em sua agência, produz, mesmo que a produção inclua o recorte de uma determinada forma de ser que, instantaneamente, exclua outras formas de ser.

O alisamento como estratégia de proteção não surte efeito positivo por dois motivos. Em primeiro lugar, reforça a ideia de que o original não é bom o suficiente, sendo necessária a intervenção e mudança para haver a aceitação. Assim, esta relação de poder que usa o cabelo como forma de controle apenas é fortalecida. Em segundo lugar, a cacheada ou crespa que alisa os cabelos se torna refém daquele procedimento, uma vez que precisará recorrer a ele continuamente para manter o efeito. Foge-se da pressão por não se enquadrar no “padrão liso” ao alisar, mas entra-se na dependência de processos químicos alisantes. Isto sem contar a violência a própria subjetividade ao ser emoldurada por este poder e os danos à saúde que os diferentes modos de alisamento causam.

Uma outra tentativa de fuga é o poder da nomeação inventada, exatamente, para mascarar os traços de negritude. As nomeclaturas que surgiram no corpo deste

trabalho foram pardo e, até, branco. Há, ainda, outras nomenclaturas, estas não sendo oficializadas no Brasil, mas introjetadas pelos brasileiros, tais como “morena” e “bronzeadas”. Todos estes termos são uma estratégia de encobrir e negar a negritude e os seus traços, com o objetivo de poupar das pressões sociais sofridas por este contingente.

Porém, não se pode negar que há crespas e cacheadas as quais não são pertencentes a etnia negra. O próprio conceito de etnia é fluido, uma vez que não está imbricado unicamente a aparência – a qual pode, inclusive, ser modificada –, mas também se relaciona ao sentimento de pertencimento.

O ambiente de trabalho surgiu repetidamente no *corpus* analisado. Esta repetição demonstra a institucionalização do biopoder que toma expressão nos cabelos, se efetivando em tentativas de controle disfarçadas sob as formas de conselho e elogio. Evidencia, ainda, a discrepância de oportunidades para as pessoas que possuem esta fenotipia negra, sendo os traços de negritude encarados com preconceito. Infelizmente, este dado apenas reforça o alto grau de racismo existente no Brasil, mas a própria caracterização disto é um passo inicial para gerar mudanças.

Destaca-se no preconceito sofrido pelo contingente de crespas e cacheadas no mercado de trabalho as suas implicações para os outros aspectos da vida. Sem acesso ao trabalho não é possível ter uma vida vivível, a qual custeie moradia, saúde, alimentação e outros aspectos. Assim, o alisamento dos cabelos desta curvatura se caracteriza, deste modo, para além da “proteção” como “sobrevivência”.

Além de constatar as formas pelas quais há a agência na relação de poder que busca o controle dos cabelos foi possível revelar as formas de resistência, as quais caracterizam pontos de subversão nesta rede de poder. A transição capilar se caracteriza como um processo de sujeição por meio de técnicas de si, resistindo aos enquadramentos da subjetividade segundo padrões vigorados em saber-poder. Assim, ao se opor ao encerramento em diagramas de beleza, constata-se como uma forma de resistência.

A transição capilar foi, sem dúvida, promovida pela “Salon Line”. Não se nega, em momento algum, que a empresa possui objetivos mercadológicos com isto, desde a própria promoção da marca, a sustentação de uma boa opinião junto aos

seus públicos e, até mesmo, a expansão de seus clientes. Afinal, aumentando o número de crespas e cacheadas a marca adquire mais clientes.

Mas, a produção e difusão da série “Mulheres em Transição”, bem como a criação e manutenção do site Me Ajude na Transição, se configuram como ferramentas de apoio válidas para a promoção deste processo de resistência ao poder que violenta a subjetividade. Os objetivos mercadológicos não anulam este efeito.

Assim, a transição capilar emerge como ato de resistência nesta relação de poder que busca controlar e limitar os modos de ser, de acordo com os seus objetivos. E as mulheres as quais somam esta resistência ascendem em meio à dor, preconceito e violências sofridas para subverter isto em orgulho de si, autoaceitação e liberdade.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, J. **Metodologias qualitativas: análise do discurso**. Porto: Universidade do Porto, 1998.

CAREGNATO, R. C. A; MUTTI, R. *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em 11 de outubro de 2018.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: Dreyfus, H. L; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GOLIOT-LÉTÉ, A; VANOYE, F. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 2006, 4 ed.

GOMES, L. L. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**, 2002. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-simbolos-da-identidade-negra.pdf>>. Acesso em 12 de setembro de 2018.

hooks, b. **Alisando o nosso cabelo**, 2005. Disponível em: <<http://coletivomarias.blogspot.com/2008/05/alisando-o-nosso-cabelo.html>> Acesso em 19 de setembro de 2018.

MACHADO, A. Introdução. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

MATTOS, I. **Estética Afro-Diaspórica e o empoderamento do crespo**. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/viewFile/2164/1497>>. Acesso em 12 de setembro de 2018.

OLIVEIRA, M; GOMES, S. Outro corpo, além do lugar. In: BRAGA, C; CIRINO, J; OLIVEIRA, M (orgs). **Comunicação e mídia: interfaces com a cidadania e com a cultura**. Goiânia: Gráfica UFG, 2017.

OLIVEIRA, M. **Fizeram-me corpo, fiz-me heterotropia: um estudo das heterotropias corporais dos personagens *queers* no cinema de Pedro Almodóvar**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.